



# PUC RIO

DARCILLA HELENA DE LALOR QUADRADO

UM ESTUDO DE VALIDAÇÃO EXPERIMENTAL DA  
ESCALA DE DOGMATISMO

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICO EXPERIMENTAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, GB, dezembro de 1974.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

UM ESTUDO DE VALIDAÇÃO EXPERIMENTAL DA  
ESCALA DE DOGMATISMO

por

DARCILLA HELENA DE LALOR QUADRADO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção  
do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICO EXPERIMENTAL



---

Assinatura do Orientador da Tese

Rio de Janeiro, GB, Dezembro de 1974

BT 3479-2

78000



114293 - B e

150  
Q1  
TESE UC  
R1

RCC

## AGRADECIMENTOS

- Ao Professor Aroldo Rodrigues pelo interesse, dedicação e amizade com que orientou não só esta tese mas toda minha formação profissional.
- Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- À CAPES pelas facilidades oferecidas.
- Aos professores e alunos da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que não só facilitaram a execução deste trabalho como colaboraram de maneira incansável na coleta dos dados necessários.
- À Professora Renate Sanches que além de auxiliar na pesquisa, foi fonte permanente de estímulo e de novas idéias.
- À Sonia Rojas por sua inestimável colaboração como membro da equipe experimental.
- À Professora Silvia Lane pela boa vontade, interesse e pelas críticas construtivas que fez a esta tese.
- Ao meu marido, por seu apoio e compreensão.

## SUMÁRIO

Este trabalho teve por finalidade a validação da Escala de Dogmatismo de Rokeach. Tendo em vista a inexistência de critérios externos que pudessem ser utilizados para comparação com os resultados obtidos na escala, esta validação foi feita a partir da observação de comportamentos derivados das proposições teóricas feitas pelo autor. Em outras palavras, foi feita uma "validação de construto" conforme proposta por Cronbach e Meehl.

A situação experimental foi baseada em situações de interação entre grupo e figura de autoridade conforme proposta por Lewin, Lippitt e White com algumas modificações.

As principais hipóteses testadas foram:

- a) Ss dogmáticos apresentam maior número de indicadores verbais de sistema de crença fechado.
- b) Ss dogmáticos são mais dependentes da autoridade.
- c) quando a autoridade não é exercida de acordo com o esperado pelos Ss há criação de tensão.
- d) Ss dogmáticos têm ambientes socializadores diferentes de Ss não dogmáticos, havendo tendência para a glorificação dos pais.

Pudemos concluir que a escala ainda necessita de melhoramentos na sua construção antes de ser adotada em nosso contexto. As hipóteses acima foram comprovadas indicando que o instrumento é válido. Finalmente, são propostas outras pesquisas sobre comportamento afetivo e estrutura de pensamento de Ss dogmáticos e não dogmáticos.

## SUMMARY

The objective of this work is to validate Rokeach Dogmatism Scale. Since there are no external criterion to use in comparison with the scores obtained in the scale, this validation was based on observations of behaviors which were expected to occur from the author's theoretical propositions. In other words, we used what Cronbach and Meehl named "construct validity".

The experimental design was based on interaction situations between groups and authority figures, as previously done by Lewin, Lippitt and White, with some modifications.

The main hypotheses tested were:

- a) dogmatic Ss show a greater number of verbal indicators of closed system
- b) dogmatic Ss depend more heavily on authority
- c) when authority does not behave in accordance with what is expected by Ss, tension arises.
- d) dogmatic Ss have socializing environments different from those of non-dogmatic Ss, and they tend to a glorification on the parents.

We concluded that the Dogmatism Scale is still in need of some item construction refinements in order to be fully adequate to use in our culture. The above hypotheses were confirmed, indicating that the instrument is valid. Finally, we propose some further research to investigate the affective behavior and thinking structure of dogmatic and non-dogmatic Ss.

## INDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 - Fundamentos Teóricos de Kurt Lewin .....	5
1.1 - O Problema dos Pequenos Grupos .....	10
CAPÍTULO 2 - Fundamentos Teóricos da Escala de Dogmatismo .....	23
2.1 - O Problema da Validação da Escala D .....	36
CAPÍTULO 3 - A Pesquisa Experimental .....	45
3.1 - Sujeitos .....	43
3.2 - Procedimento .....	44
3.3 - Resultados .....	48
3.4 - Discussão .....	57
CAPÍTULO 4 - Conclusão .....	74
ANEXO 1 - Forma Original da Escala de Dogmatismo .....	79
ANEXO 2 - Escala D conforme Apresentada para a Pesquisa .....	84
BIBLIOGRAFIA .....	89

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -- Dados obtidos na Escala de Dogmatismo segundo Curso, Sexo e Opção .....	50
TABELA 2 -- Percentagens relativas à Direção das Verbalizações .....	51
TABELA 3 - Interrupções, Silêncio, Risos, Sinais de Insegurança, Gestos de Assentimento para o Líder e para Membro e Características de Sistema Fechado - Valores Brutos .....	52
TABELA 4 - Comparações entre os Grupos, Dois a Dois, das Avaliações de Observadores e Líder .....	53



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Interesse" .....	55
FIGURA 2 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Formalidade" .....	55
FIGURA 3 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Atmosfera" .....	56
FIGURA 4 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Permissividade" .....	56

## INTRODUÇÃO

Este trabalho percorreu vários caminhos até chegar a sua forma final aqui apresentada. Originou-se de uma preocupação básica com o estudo da dinâmica de pequenos grupos. Muito já foi escrito a respeito -- o Small Group Research de 1966 faz uma listagem exaustiva de livros e pesquisas sobre o assunto -- mas a nossa preocupação ia um pouco mais além. Pretendíamos ver o desenvolvimento do estudo de pequenos grupos dentro de uma linha teórica. Pareceu-nos, então, que muita coisa havia sido feita em relação a pequenos grupos, porém de forma não sistematizada, dando como resultado uma série de dados sobre como se comportam pequenos grupos, ou como agir em determinadas situações de pequenos grupos, sem porém um enfoque explicativo de tais dados.

Esta explicação, naturalmente, não será encontrada ao nível do fato: um dado em si é desprovido de significado; este significado só será adquirido quando o dado for inserido num contexto mais amplo, quer de uma lei, quer de uma teoria.

Por outro lado, a psicologia de um modo geral, passou de um enfoque de grandes teorias (Freud, Hull, Lewin) para um outro onde determinados aspectos de problemas psicológicos são estudados. Assim, hoje em dia não mais se formulam grandes teorias explicativas de todo comportamento humano, mas apenas algumas facetas desse comportamento são pesquisadas. Não é nossa intenção subestimar o valor dessas contribuições; porém, parece-nos que

se a psicologia pretende realmente conhecer e explicar o indivíduo, torna-se necessário que esses conhecimentos "parciais" sejam integrados de alguma forma num contexto explicativo mais amplo. O homem reage como um todo a uma situação e portanto ~~devenos estudá-lo como~~ um todo.

Para uma investigação neste nível, eram-nos colocadas duas alternativas. Podíamos construir uma teoria psicológica e a partir daí estudar o comportamento de pequenos grupos; ou então utilizarmo-nos de uma teoria já existente e dirigir nosso estudo a partir dela. Se já existem teorias em psicologia, não há por que criar mais uma sem que tenhamos esgotado as possibilidades das já existentes. Uma teoria não precisa estar totalmente "correta", e é a partir do teste empírico que ela vai se aperfeiçoando, corrigindo, enfim, se aprimorando.

Restava-nos então a escolha de uma teoria. Um primeiro critério para esta opção já foi destacado: o homem deve ser encarado como um todo integrado que reage a um meio do qual faz parte. Por outro lado, deve ser possível o estudo de pequenos grupos de um modo experimental que acreditamos ser o método mais apropriado para um estudo científico. A teoria de campo de Kurt Lewin apareceu-nos como a mais adequada dentro de nossos propósitos. Que Lewin considera o homem como um todo em relação com seu meio é afirmar um de seus postulados básicos derivado da Gestalt:  $C=f(P,M)$ . Que sua teo

ria possibilita o estudo de pequenos grupos experimentalmente, também é claro, levando-se em conta o grande número de pesquisas feitas por ele ou seus colaboradores sobre o assunto.

A escolha da teoria de campo tem uma implicação básica: trata-se do problema metodológico. Lewin acreditava no teste empírico de uma proposição, mas ao mesmo tempo este teste não podia se permitir estudar variáveis isoladas. Decorrente da afirmação  $C=f(P,M)$  toda pesquisa deveria manter ao máximo as características reais da situação sobre a qual queria se conhecer mais. "Para variar experimentalmente um fenômeno social, o experimentador tem que manter constantes todos os fatores essenciais mesmo se não for capaz de analisá-los satisfatoriamente. Uma omissão importante ou erro de julgamento neste ponto, torna o experimento falho." (Lewin, 1965 pg.219). Para Lewin (1970a), a pesquisa social tem dois objetivos diferentes embora complementares: o estudo das leis gerais da vida grupal e o diagnóstico de uma situação específica. A partir daí torna-se possível a manipulação da realidade social.

O problema que nos propusemos foi levantado a partir do estudo de Lewin, Lippitt e White (1939) sobre a atmosfera de grupo. Neste estudo surgiu como explicação para os resultados encontrados a variável "estilo de vida". Esta poderia ser medida através de um estudo da socialização do indivíduo e conseqüentemente, dos resultados em termos comportamentais, daí resultantes.

Restava porém o fato de que tornar-se-ia necessário "me-  
dir" esses resultados. Era preciso que se utilizasse  
um instrumento válido, e que nos garantisse a medida  
desta variável.

O instrumento escolhido (Escala de Dogmatismo) ti-  
nha sua validação assegurada em outro contexto cultu-  
ral. Era necessário no entanto, validá-lo para nosso  
meio. A própria situação experimental definida por Le-  
win et al. forneceria dados a respeito do comportamen-  
to de indivíduos que sofreram diferentes processos de  
socialização. Poderia portanto ser utilizada como uma  
forma de validação do instrumento, desde que os resul-  
tados obtidos fossem coerentes com as proposições teó-  
ricas que fundamentaram a sua construção.

O que fizemos então, foi repetir a pesquisa de Le -  
win, Lippitt e White, analisando porém a variável soci-  
alização, através da seleção de Ss por meio da Escala  
D. A observação dos comportamentos dos indivíduos em  
pequenos grupos serviu como base para sabermos se real-  
mente a escala mede o que se propõe teoricamente.

Pelas implicações metodológicas levantadas pela teo-  
ria de campo, conforme discutido acima, achamos neces-  
sário uma breve introdução aos conceitos básicos de  
Kurt Lewin, o que será feito a seguir.

## CAPÍTULO 1

### Fundamentos Teóricos de Kurt Lewin

A obra de Lewin é vasta o suficiente para não permitir que alguém se aventure a fazer um breve resumo. Tentaremos colocar aqui apenas alguns pontos básicos que serão de utilidade ao explicitarmos o problema a ser estudado.

Conforme já dissemos anteriormente um postulado básico da teoria de campo é de que há uma relação dinâmica entre indivíduo e ambiente no qual ele se percebe. "Todo e qualquer evento psicológico depende do estado da pessoa, e, ao mesmo tempo, do ambiente, embora a importância relativa de uma e de outro seja diferente em diferentes casos". (Lewin, 1970 pg.28). Esta totalidade de fatos que determinam o comportamento humano é denominada "espaço vital psicológico". A representação e sistematização desse espaço vital é feita com o auxílio da topologia. Nele estão representados todos os fatos que influem no comportamento. Porém, um critério básico para a determinação de quais serão esses fatos é a sua existência psicológica. "Devemos considerar a situação, em seu todo, como sendo o total do que se reveste de efeitos para o indivíduo em consideração. ... O que é real é o que tem efeitos" (idem, pgs.37,38)

Ao explicar o porque de ocorrerem determinados comportamentos -- e não outros -- Lewin (1970) explicita dois tipos de causalidade: o que ele chamou de causalidade histórica e causalidade sistemática. No primeiro caso procura-se o desenvolvimento histórico, o encade

amento de causas e os pontos de convergência desses encadeamentos. Analisa-se a história do indivíduo e seu meio ambiente. No segundo, procura-se quais os fatores atuais que determinam o aparecimento de determinado fenômeno. A "causa" do evento consiste nas propriedades do espaço vital momentâneo ou de certas partes inte - grantes do mesmo. Ambos os tipos de causalidade são importantes em psicologia, não sendo uma substituível pela outra.

A estruturação do espaço vital se dá através de "regiões" onde os vários fatos são representados. Dado o critério de "efetividade" para que um fato seja real, eles serão denominados quase-físicos, quase-sociais e quase-conceituais ou seja, quando assumem uma realidade psicológica para o indivíduo.

A representação do espaço vital deverá indicar a posição das pessoas e objetos em determinadas regiões. Deve levar em conta as locomoções de natureza quase-física, quase-social e quase-conceitual, as relações de vizinhança das regiões, as fronteiras, as aproximações e afastamentos, e os movimentos e as forças em certas direções.

As relações espaciais são estudadas através da topologia (Lewin, 1970), enquanto as relações de direção, distância, força, tensão são vistas no chamado "espaço hodológico" (Lewin, 1938).

A medida em que o indivíduo vai se desenvolvendo, seu espaço vital vai se estruturando em diversas regiões. Alguns processos que podem aí ocorrer são o de

diferenciação, onde uma região inicialmente homogêna é dividida em sub-regiões; o de integração, que é o processo oposto; e o de reestruturação, onde o que muda são as posições relativas da região.

Essas noções a respeito do espaço vital do indivíduo podem ser transferidas para a situação de grupo. Falaremos então de campo social, ou espaço social. Teremos aqui, não mais a pessoa e seu ambiente, mas o grupo e seu ambiente. Para tanto é necessário que o conceito de grupo seja tomado como o de uma totalidade dinâmica, tal como se via o indivíduo. "Um grupo possui uma estrutura própria e mantém relações próprias com outros grupos. A característica essencial de um grupo não é, como na classe, a semelhança entre seus membros, mas a interdependência dinâmica entre eles ... (o que) significa que ele é concebido como um todo dinâmico." (Garcia Roza, 1972 pg.62)

A importância de Lewin para a psicologia é devida exatamente a esta visão global não só do indivíduo como grupo. Herança da Escola de Berlim, esta concepção de todo dinâmico veio mostrar a impossibilidade, e até mesmo a inutilidade, de tentar-se classificar fenômenos sem interrelacioná-los. Em seu artigo sobre os modos de pensar aristotélico e galileanos (Lewin, 1935), Lewin deixa claro que é necessária a busca de leis gerais que sejam capazes de explicar o comportamento como um todo. Sua concepção de espaço vital é uma decorrência natural de seu enfoque gestáltico, anulando a



dicotomia pessoa-meio. Com isso passa a ser necessária uma preocupação com as relações entre fenômenos e não mais com os fenômenos em si. Isto ainda é mais enfatizado quando ele demonstra que é preciso que se cons - truam conceitos, leis, relações. Ele mesmo caracteriza a teoria de campo mais como "um método de analisar relações causais e de criar construções científicas" (Lewin, 1965 pg.51). Ainda em nossos dias ouvimos apelos semelhantes à construção científica. Bachelard (1970) ao apontar a necessidade de questionamento na ciência nos diz: "Rien ne va de soi. Rien n'est donné. Tout est construit." (pg.14)

O espírito globalista de Lewin vai, no entanto, mais além. Pretende ele englobar toda a psicologia. Ao analisar a situação da psicologia de sua época, nos diz: "Os investigadores começam sentindo que a mera acumulação de fatos só pode conduzir a uma situação caótica e improdutiva... Uma ciência sem teoria é cega porque lhe falta aquele elemento que por si só, está apto a organizar fatos e a estabelecer uma direção para a pesquisa... A psicologia necessita de conceitos que possam ser aplicados não apenas aos fatos de um único domínio, como a psicologia infantil, a psicologia animal ou a psicopatologia, mas que sejam igualmente aplicáveis a todos eles" (Lewin, 1970 pgs.20,21)

Creemos ter conseguido caracterizar o modo de pensar lewiniano. Foi um cientista que conseguiu dar à psicologia experimental um caráter mais dinâmico, mostrando

que os fenômenos considerados "subjetivos", "não mensuráveis" também eram passíveis de tratamento científico. Não era uma teoria acabada. Muito ficou por ser feito. Este trabalho é uma tentativa de retomar a posição de Lewin exatamente naquilo que ele teve de mais significativo -- seu aspecto globalista e sua proposição metodológica.

## 1.1 O Problema dos Pequenos Grupos

O problema de "atmosfera de grupos" foi levantado por Lewin e seus colaboradores (Lippit, 1940, Lewin, Lippit e White, 1939). O que então se pretendia era a manipulação de variáveis tidas como "não controláveis" ou "subjetivas" através de um procedimento experimental. Os resultados advindos desses trabalhos, levantaram, entre tanto outros tipos de questões. Assim, no 1º trabalho, as respostas de agressividade surgiram de forma bastante diferenciada entre os grupos sob liderança "autocrática" e "democrática". A repetição do experimento, no entanto, com o acréscimo da situação de liderança "laissez-faires", levou a resultados considerados "não-esperados". Assim, por exemplo, o grupo sob liderança autocrática que deveria mostrar-se mais agressivo, na realidade comportou-se de modo inverso, tendo sido descrito pelos observadores como "apático". Este tipo de resposta contradizia alguns dos princípios teóricos em que se fundamentava o experimento. De acordo com a teoria de campo, a situação era de tal forma que ocorriam simultaneamente, na situação de liderança autocrática: existência de tensão no campo social, espaço de movimento livre restrito, e rigidez na estrutura de grupo. Estes dois últimos fatores sendo também considerados como produtores de tensão. Ora, segundo Lewin (1938) "the concept of tension as used here refers to a state of a system of an individual. Tension has, besides others the following properties:

- a) It is a state of a system S which tries to change itself in such a way that it becomes equal to the state of the surrounding systems  $S_1, S_2 \dots S_n$
- b) it involves forces at the boundary of the system S in tension." (pg.98)

É ainda Lewin (1938) quem diz "the concept of tension is closely related to that of need... the satisfaction of a need corresponds to a release of the tension within this system." (pg.97). A uma necessidade corresponde uma força atuando sobre a pessoa e causando uma tendência a locomoção de modo a aliviar a tensão (Lewin, 1965).

De acordo com as hipóteses formuladas no experimento esta locomoção deveria se expressar sob forma de maior atividade e mesmo agressão. Toda a tensão acumulada demanda alguma espécie de "saída" em direção ao meio. O comportamento de "apatia" vem exatamente contra essa resposta esperada, indicando que haviam forças frenadoras impedindo que a tensão fosse aliviada. Os autores apontam como possível determinante dessas forças o "estilo de vida" ou "cultura" do indivíduo. "Whether or not a given amount of tension and given restraining forces (do meio) will cause a person to become aggressive depends finally upon the particular patterns of action which are customarily used in the culture in which he lives. The different styles of living can be viewed as different ways a given problem is usually solved. A person

living in a culture where a show of dominance is 'the thing to do' under certain conditions will hardly think of any other way in which the solution of this problem may be approached. Such social patterns are comparable to 'habits'. Indeed, the individual habits as well as cultural patterns have dynamically the character of restraining forces against having the paths determined by these patterns. In addition, they determine the cognitive structure which a given situation is likely to have for a given individual (Lewin, Lippitt e White, pg.296). Esta explicação alternativa pode ser exemplificada pelo fato do único sujeito que disse ter "gostado mais do líder autocrático" ter sido um menino filho de um oficial do exército, também caso único nos grupos experimentais. Parece portanto, plausível que realmente o tipo de socialização a que o indivíduo foi submetido tenha um papel predominante no tipo de resposta a ser apresentada, frente a uma determinada situação.

O problema então se coloca a partir deste ponto. No estudo acima, dado ao tipo de resposta encontrada, foi lançada uma hipótese alternativa, que pudesse explicá-lo. Falta no entanto, que esta hipótese seja testada. A pergunta que inicialmente nos colocamos então foi se diferentes "estilos de vida" levarão a diferentes tipos de respostas. Interessam-nos basicamente estilos de vida que sejam condizentes com o tipo de liderança em questão. Isto é, segundo a hipótese de Lewin,

Lippitt e White, se o indivíduo é socializado de modo a valorizar positivamente uma liderança autocrática (veja-se o caso do filho do militar) ele se sentirá melhor nesta situação do que o indivíduo socializado democraticamente. Mais ainda, se ele aprendeu a repetir autoridades, e a obedecê-las sem reação, sentir-se-á muito melhor numa situação onde a figura de autoridade se impõe como tal do que onde o grupo é o responsável por sua locomoção. O que desejávamos saber, então, especificamente, é como se comportarão indivíduos socializados autocrática e democraticamente sob lideranças autocrática e democrática.

O problema que se coloca de imediato ao nos propormos uma questão como essa é de como estudar o processo de socialização do indivíduo. Usamos socialização no sentido utilizado por Jones e Gerard (1967) onde socialização é vista como a adoção e internalização pelo indivíduo de valores, crenças e modos de perceber o mundo que é compartilhado por um grupo. A determinação do tipo de socialização pode ser feita basicamente de duas formas: a primeira seria o estudo da história do indivíduo. Deste modo iríamos investigar, através de um levantamento sistemático de dados, qual a influência dos vários agentes socializadores no processo de adoção e internalização de valores, crenças, normas, etc., do indivíduo (por exemplo, influência de pais, professores, amigos, etc.) Uma outra forma seria a de se verificar como ele se percebe e como percebe o mundo. Isto é, se temos

o indivíduo já socializado, este processo já está mais estruturado. Não podemos dizer que o indivíduo já "terminou" seu processo de socialização, uma vez que este, pela própria definição não termina praticamente nunca. O indivíduo está, normalmente, sendo exposto a novos grupos durante toda sua vida, e portanto, necessitando adaptar-se a esses grupos constantemente, isto é, "socializar-se" constantemente. Entretanto, este processo é severamente mais intenso nos primeiros anos de vida, onde a aprendizagem do que é o mundo e de como viver nele é fundamental para a sua sobrevivência. Assim, consideramos que o processo de socialização sofre um declínio de intensidade quando o indivíduo atinge a idade adulta. Neste sentido afirma Levine (1936): "~~but~~<sup>what</sup> are the distinguished characteristics of adult personality? recognizing that personality is peculiarly an individual phenomenon, we may say that, by and large, the personality of adults is characterized by greater consistency than that of children and adolescents; that it tends to be markedly channelized in the direction of family, vocational and avocational interests, and that conservatism is <sup>as</sup> rule". (pg.557) Afirmações semelhantes podem ser encontradas também, por exemplo, em McNeil (1969) e Kagan and Moss (1962).

Se formos estudar este processo da primeira forma acima descrita estaremos investigando em busca de uma causalidade histórica; no outro modo, de uma causalidade sistemática. "De acordo com a teoria de campo, o com-

portamento não depende nem do passado e nem do futuro, mas do campo presente... que tem uma determinada dimensão de tempo." (Lewin, 1965 pg.32). Isto quer dizer, que a história do indivíduo só é importante na medida em que atua no presente sobre o espaço de vida do indivíduo. Da mesma forma, o futuro só tem algum valor para a teoria de campo do momento em que ele se faz presente para a pessoa. Assim sendo, resolvemos, por coerência teórica, que a determinação do tipo de socialização deverá basear-se no indivíduo tal como ele é agora. Ou seja, iremos procurar quais as crenças e valores que o indivíduo possui neste momento, e assumimos que eles são decorrentes de um processo em andamento durante todo seu período de vida.

Resta-nos então estabelecer critérios para a definição de socialização autocrática ou democrática. Esses critérios não devem levar em conta a conotação usual de tais termos, mas sim os critérios de liderança conforme descritos nos estudos experimentais. Assim, ao procurarmos indivíduos socializados autocrática ou democraticamente estaremos procurando aquelas pessoas cujos valores e crenças sejam semelhantes àqueles derivados dos comportamentos tidos como autocráticos e democráticos pelos estudos descritos. Em termos de teoria de campo, podemos dizer que procuramos pessoas para quem os comportamentos "autocráticos" ou "democráticos" se constituam em regiões de valência positiva. A aceitação desses comportamentos deve implicar em atitu



des a eles relacionadas. Por exemplo, o primeiro critério de líder autocrático é o de que é ele quem determina as tarefas, toma decisões, sem ouvir os demais membros. Para aceitar -- e valorizar -- esse tipo de comportamento é necessário que o indivíduo acredite na autoridade absoluta de uma pessoa enquanto no papel de autoridade.

O que teremos que fazer então é analisar os vários critérios de liderança e buscar quais as crenças e valores a eles subjacentes. Teremos assim o sistema de crenças e valores do indivíduo socializado de uma forma ou de outra, com relação a liderança.

Aceitação e valoração de determinados comportamentos implicam nos conceitos de crenças e valores, respectivamente. Segundo Scheibe (1970), "functionally beliefs are guides to action. Through commerce with the ecology, an individual develops a set of functional dispositions, or a 'belief system', which are implicit expectations concerning what leads to what" (pg. 39). "Value judgements refer to what is wanted, what is best, what is desirable or preferable, what ought to be done. They suggest the operation of wishes, desires, goals, passions, valences or morals (pg.42). Ao estudarmos os critérios de liderança autocrática e democrática estaremos então afirmando que as pessoas socializadas democraticamente têm em seu "sistema de crenças" aquela crença específica e que guiarão por ela seu comportamento, assim como perceberão a - aquele comportamento correspondente como algo preferível, desejável. O mesmo para as pessoas socializadas autocra-

ticamente.

Vale aqui destacar que uma crença ou valor não existem isoladamente, no indivíduo. Fazem parte de um sistema que não precisa ser necessariamente lógico, mas basicamente psicológico. Eles devem servir a um mesmo objetivo, ou derivar de uma mesma motivação.

Vejamos então quais os critérios de liderança adotados e quais as crenças e valores a eles subjacentes:

Liderança Democrática (LD):

- 1) Todos os planos de ação são resultados de decisão do grupo, encorajado e acatado pelo líder.

Liderança Autocrática (LA):

- 1) Toda decisão de planos feita pelo líder.

Para que uma pessoa aceite estes comportamentos e os veja como desejáveis, é necessário, no primeiro caso (LD) que faça parte também de seu sistema de crenças a afirmações do tipo: o grupo é capaz de chegar a uma boa decisão, a autoridade deve ser capaz de aceitar as decisões de grupo; no segundo caso (LA) o indivíduo deve pelo contrário achar que apenas a autoridade é capaz de boas decisões, e ela é quem deve ditar os planos de ação, independentemente da opinião do grupo. Em outras palavras, de acordo com este primeiro critério o indivíduo socializado autocraticamente deve crer na autoridade absoluta, e guiar suas ações pelo que for ditado pela autoridade. Já no caso da socialização democrática, o indivíduo deve ser a autoridade não mais como "dona da

da verdade"; as pessoas comuns (inclusive ele próprio) podem tomar decisões acertadas por si mesmo.

LD:

2) Perspectiva de atividade apresentada por uma explicação de fases gerais do processo, durante discussão na primeira reunião. Quando eram necessários conselhos técnicos, o líder procurava indicar dois ou tres processos alternativos, entre os quais se podia escolher.

LA:

2) Técnicas e etapas para atingir o objetivo ditadas pela autoridade, uma de cada vez, de maneira que a orientação futura era sempre incerta em larga medida.

Temos aqui, subjacentes, dois tipos de crença. O primeiro diz respeito, ainda uma vez, à autoridade. No primeiro caso, a discussão sobre as várias etapas são discutidas em grupos (ao invés de ditadas pelo líder) assim como são dadas várias alternativas de ação deixando que o indivíduo assuma a responsabilidade de sua decisão (ao invés de depender totalmente do líder). Tal como no caso do critério anterior, é a crença na autoridade e a aceitação da dependência nesta autoridade para linhas de ação que está subjacente também a este segundo critério. Entretanto, também um outro tipo de crença está envolvido: refere-se à perspectiva de tempo. Vemos que no caso LD um conhecimento amplo de presente e futuro, é valorizado. No caso LA a perspectiva de tempo é menor, apoiando-se no presente sem muito interesse pelo futuro, ou melhor, as crenças presentes são suficientes para a predição do futuro sem

que este tenha necessidade de ser explicitado. Podemos falar de uma perspectiva de tempo mais ampla no caso de pessoas socializadas democraticamente, e mais estreita, no caso de pessoas socializadas autocraticamente.

LD:

3) Os participantes tinham liberdade para trabalhar com quem quisessem, e a divisão de tarefas cabia ao grupo.

LA:

3) A autoridade determinava, geralmente de maneira autocrática, o que cada participante devia fazer e com quem devia trabalhar.

Mais uma vez se ressalta a crença na autoridade absoluta (LA) em oposição a uma distribuição de responsabilidades (LD). Mais ainda, se é a autoridade quem deve determinar com quem as pessoas devem unir-se para o cumprimento de tarefas, então, de um modo geral, as pessoas devem ser julgadas de acordo com as autoridades com que estão alinhadas. Em outras palavras, os indivíduos socializados autocraticamente tenderão a avaliar as pessoas de acordo com as autoridades em que estas acreditam.

LD:

4) O líder procurava ser um membro do grupo, em espírito e na discussão, mas não realizar grande parte do trabalho. Elogiava e criticava objetivamente.

LA:

4) O dominador criticava e elogiava as atividades do indivíduo sem dar razões objetivas, e abstinha-se de participação ativa no grupo. Mantinha-se sempre impessoal,

mais que exteriormente hostil ou cordial.

Surge aqui um problema interessante não mais referente a uma crença, mas ao sistema de crenças do indivíduo. O que vemos no caso LA é que o indivíduo não necessita de uma lógica entre os fatos (por que criticou aqui e não ali) mas sim uma ligação puramente psicológica entre eles (as críticas e elogios tinham sua origem na autoridade). Em outras palavras, as crenças estão relacionadas tendo como critério apenas sua origem comum, no caso a autoridade. No caso do indivíduo socializado democraticamente, ele vê a necessidade de uma certa coerência em seu comportamento, e por isso as razões para comportar-se são explicitadas.

De tudo o que foi dito acima, vimos que os indivíduos que fomos caracterizar como socializados autocrática ou democraticamente, terão como distinção básica seu relacionamento com a figura de autoridade. No caso da socialização autocrática esta relação deve ser de tal forma que o indivíduo acredite na autoridade absoluta, que as pessoas sejam avaliadas de acordo com a autoridade com a qual se alinha, e que seu sistema de crenças gire em torno não de uma coerência interna, mas da figura de autoridade. Sabemos também que este indivíduo deve ter uma perspectiva de tempo limitada, se possível usando o presente para previsões acerca de um futuro que sabe desconhecer.

Restava-nos então escolher uma forma, algum instrumento que fosse capaz de discriminar esses dois tipos de pessoas. Conforme já foi esclarecido anteriormente, queremos

que estas pessoas apresentem estas características agora, ou seja que seu espaço vital seja atualmente estruturado de forma que essas regiões estejam presentes e tenham a valência adequada a cada um dos "tipos" descritos.

Tendo em vista a estreita relação com o problema da percepção de autoridade, pareceu-nos de início que a escala F seria um bom instrumento. Como se sabe, a escala F desenvolvida por Adorno et al. (1950) busca localizar a chamada Personalidade Autoritária. No entanto, esta escala tem sofrido várias críticas (Sarason, 1966; Christie e Jahoda, 1954; Christie, Havel e Seidenber; 1958; Titus e Hollander, 1963; Cohn, 1952; Cohn, 1953, Leavitt, Hax e Roche, 1951; Bass, 1955, Rokeach, 1960) principalmente devido a seu conteúdo ideológico. De um modo geral as pessoas com alto escore nesta escala apresentam características de etnocentrismo, anti-semitismo e conservadorismo político. Generalizações sobre os indivíduos altos na escala F são difíceis de serem feitas a respeito do autoritarismo destas pessoas porque "its main instruments focused on Fascist authoritarianism" (Rokeach, 1960, pg.13).

Precisávamos então de um outro instrumento que também medisse autoritarismo -- nos moldes que nos propusemos -- mas que fosse desprovido de conteúdo ideológico.

Um dos críticos da escala F propôs uma outra escala, exatamente com essa característica. Trata-se da escala D de Rokeach (1954, 1960), que pretende apreender a estrutura formal de personalidade das pessoas, sem prender-se a seu conteúdo.

Conforme dissemos no início, era no entanto necessário, primeiro adaptar a escala para nosso meio, e em seguida validá-la de alguma forma. A situação experimental de Lewin et al. serviria como base para a validação. A teoria subjacente à escala de Dogmatismo -- que nos daria fundamentos para previsões de comportamento -- encontra-se exposta a seguir.

## CAPÍTULO 2

### Fundamentos Teóricos da Escala de Dogmatismo

As pesquisas que resultaram na construção da escala D tiveram sua origem nos estudos sobre a escala F, assim como em observações casuais de pessoas que eram vistas como "dogmáticas" em seus sistemas de crenças, apesar de variarem seus conteúdos ideológicos. "Over the years, we have had occasion to observe a number of persons, mostly intellectuals, who in real-life settings appeared to be characteristically dogmatic or closed in their modes of thought and belief. What they were dogmatic about varied from one person to another. They represented different political, religious and scientific viewpoints." (Rokeach, 1960, pg.4)

A partir da experiência e das críticas que surgiram da escala F, Rokeach propôs um estudo que se dirigisse à explicitação das características formais e estruturais dos sistemas de crença. Com base em uma teoria que explicita tais características pretende o autor ter meios para uma análise de problemas mais amplos, tais como personalidade, ideologia, cognição e as possíveis relações entre eles. Para o autor, todos esses problemas estão relacionados e não há porque separá-los e vê-los como itens independentes." ... we have come more and more to view a given personality as an organization of beliefs or expectancies having a defining and measurable structure. We have also come to conceive of ideology, insofar as it is represented



withing the psychological structure of the person, in exactly the same way, namely, as an organization of beliefs and expectancies. And finally, we have come to conceive of man's cognitive activities --thinking, remembering and perceiving -- as processes and changes that take place within a person who has already formed a system of beliefs, which we can describe and measure (idem, pg.7)

Dentro desta perspectiva, não há porque estudar-se crenças isoladas. Na verdade, as pessoas reagem de acordo com o seu sistema de crenças. Usando um exemplo do próprio autor, aceitar o catolicismo é ter como referência um sistema que terá várias partes, e resultará num comportamento adequado em relação a essas unidades de acordo com a estruturação do sistema. Assim, a crença de que o controle da natalidade é errado, é uma unidade deste sistema.

Com relação ao conceito de sistema de crenças, considera o autor que ele deve ser visto como representando "all the beliefs, sets, expectancies or hypotheses, conscious and unconscious, that a person at a given time accepts as true of the world he lives in" (idem pg.33). A pergunta que caberia aqui seria então sobre as crenças, hipóteses, etc., sobre o que é "falso" no mundo do indivíduo. Neste caso estaríamos lidando com o sistema de descrença. Este sistema não é só o "oposto" do sistema de crenças; não é o "reflexo de espelho" do sistema de crença. O fato de uma pes -

soa aceitar como verdadeiros os princípios freudianos não implica que ela rejeite igualmente os princípios de Jung, Adler, da escola da Gestalt, da teoria de campo e do behaviorismo. Estas "descrenças" vão se organizar no indivíduo formando vários subsistemas que se colocarão num contínuo de maior e menor aceitação.

Com relação ao conceito de sistema tem-se de início a impressão de que ele deve ser lógico. Na realidade, conforme já dissemos anteriormente, tal condição não é necessária para a formação de um sistema de crença e descrença. O que caracteriza o sistema psicológico é a interrelação entre suas partes, mesmo que esta relação seja de isolamento. "In logical systems the parts are interrelated or in communication with each other according to the rules of logic. In psychological systems the parts may be interrelated without necessarily being logically interrelated. In fact, what may be of interest to the psychologist is that the parts are isolated or segregated from each other. It is precisely this isolation or segregation of parts which describes its relationship and makes possible certain predictions about behavior." (idem, pg.33)

Resta-nos saber então, como se organiza estruturalmente este sistema de crença e descrença. Esta organização se dá em tres dimensões, de certa forma semelhante à estruturação do espaço vital de Lewin, sendo que enfocando o indivíduo apenas sob o aspecto de

crenças. Assim, temos:

1) organização numa dimensão de crença e descrença:

Como já foi dito, as crenças de uma pessoa organizam-se em dois sistemas interdependentes de crença e de descrença, sendo este último formado por vários sub-sistemas que se dispõem ao longo de um contínuo de acordo com sua semelhança com o sistema de crenças. Assim, teoricamente, no caso de uma mudança de crenças, o indivíduo mudará mais facilmente para uma "descrença" que esteja mais próxima do primitivo sistema de crença do que para uma que esteja mais afastada.

São também propriedades da dimensão crença-descrença:

a) isolamento - se temos duas crenças relacionadas entre si, mas que para o indivíduo se apresentam como nitidamente distintas, estabelece-se então uma relação de isolamento. "Não há conexão entre a e b" é uma forma de se explicitar uma relação, relação esta de isolamento. São sinais da existência de isolamento:

- a coexistência de crenças logicamente contraditórias no sistema de crenças. Isto ocorre de modo a satisfazer a necessidade das pessoas de se verem como consistentes.

- a acentuação de diferenças e minimização de semelhanças entre os sistemas de crença e descrença. Neste caso, tais acentuações de diferenças são tentativas de afastar uma ameaça à validade do sistema da pessoa.

- percepção de irrelevância. Muitas vezes as pessoas julgam como "irrelevantes" o que pode ser considerado como um ponto relevante se analisado objetivamente. Isto ocorre de modo a afastar con tradições e assim preservar intacto o sistema da pessoa.
  - negação de contradições. "A exceção confirma a regra" é um exemplo, e também aqui trata-se da necessidade da preservação do sistema do indivíduo.
- b) diferenciação - existem graus de diferenciação ou articulação, ou riqueza de detalhes nos sistemas de crença e descrença. São indicações de diferenciação:
- quantidade relativa de conhecimento possuído. Normalmente assumimos que as pessoas sabem mais a respeito daquilo em que acreditam. Isto é, o sistema de crenças seria mais diferenciado do que o de descrença. Mas também pode haver diferenciação no sistema de descrença.
  - percepção de semelhança entre subsistemas de de crenças adjacentes. Outro índice de diferenciação dentro do sistema de descrença é o grau de percepção entre os subsistemas como sendo "os mesmos" ou "diferentes". Quanto mais eles forem percebidos como diferentes, maior o grau de diferenciação no sistema de descrença.
  - compreensividade ou estreitamento do sistema. Is

to se refere ao número de subsistemas representados no sistema de crença e descrença.

Numa analogia com a estruturação do espaço vital de Lewin, podemos dizer que as características de isolamento e diferenciação referem-se aos conceitos de barreira e diferenciação. Assim, quanto mais isolada uma crença, mais forte será a barreira existente em torno da região por ela representada em relação às demais. E quanto mais diferenciado o sistema de crença-descrença, maior a diferenciação do espaço vital do indivíduo em numerosas regiões.

## 2) organização sobre a dimensão central-periférica

Existem tres camadas nesta dimensão: a região central, a intermediária e a periférica.

a) a região central -- nela estão representadas as chamadas crenças "primitivas" ou "pré-ideológicas". Estas crenças têm a ver com a natureza da realidade física, com as propriedades físicas do mundo em que vivemos assim como com relação ao mundo social. Do mesmo modo, dizem respeito também a crenças sobre o self. No estudo da região central, a preocupação básica é com seu conteúdo e não com sua estrutura.

Os critérios de distinção para se saber se uma crença é primitiva ou não são os seguintes:

- todas as pessoas compartilham da mesma crença, a crença nunca é questionada. Todas as pessoas

servem como referenciais externos ou autoridades para a validação de tal crença.

- o segundo critério é exatamente o oposto. Não há qualquer referente externo ou autoridade que possa validar a crença ou desconfirmá-la.

b) a região intermediária - as crenças aqui representadas -- não primitivas -- dizem respeito à natureza da autoridade, positiva ou negativa, sobre a qual dependeremos de modo a melhor conhecermos o mundo. Autoridades são aqueles intermediários que nos dizem coisas a respeito do mundo e das quais dependemos devido à impossibilidade de verificarmos pessoalmente todas as suas características. As pessoas podem depender totalmente da autoridade, como podem ter uma dependência racional. Por outro lado as autoridades podem ser vistas como positivas (aquelas que nos dizem o que é "verdadeiro") e negativas (aquelas que nos mostram o "falso").

No caso da região intermediária, o ponto de interesse maior não é tanto seu conteúdo específico, mas basicamente seu conteúdo formal. Isto levará a buscar semelhanças entre as pessoas nas suas relações com autoridades independentemente do que estas autoridades representam. Por outro lado também estão representadas na região intermediária as crenças acerca das pessoas em geral, no modo como elas se relacionam com a autoridade.

c) a região periférica - são encontradas aqui todas as crenças (não-primitivas) e descrenças que se originam das autoridades, positivas ou negativas, mesmo que esta origem não seja percebida conscientemente pelo indivíduo. O conteúdo específico dessas crenças nos fornecerão basicamente a ideologia da pessoa. No entanto, o que é de importância agora são as interconexões entre crenças periféricas e sua relação estrutural com as crenças representadas nas regiões intermediária e central. Vejamos como se dá este relacionamento. Suponhamos que uma nova informação atinja o indivíduo. Inicialmente o indivíduo vai comparar esta informação com suas crenças primitivas. Esta primeira comparação pode levar (ou não) a uma imediata rejeição desta nova informação. Por exemplo, uma pessoa pode não dar qualquer atenção a informações sobre experimentos em percepção extra sensorial porque não está preparada para isso. Mesmo que a nova informação seja compatível com as crenças primitivas, ela pode não o ser com as crenças da região intermediária. Algumas pessoas se afastam deliberadamente de informações que provenham de autoridades negativas. "A person may expose himself only to one point of view in the press, selectively choose his friends and associates solely or primarily on basis of compatibility of systems, selectively avoid social contact with those who adhere to different systems, and ostracize renegades" (Rokeach

1960, pg.49)

Se a informação atingiu o sistema de crença-des-  
crença então o indivíduo pode aceitá-la como es-  
tá, e "arquivá-la" na região periférica, ou en-  
tão pode confrontá-la com a opinião de autorida-  
des (região intermediária) e "adaptá-las" as suas  
necessidades para somente então ela passar --de-  
vidamente elaborada -- para a região periférica.

3) Organização sobre a dimensão de perspectiva de  
tempo

Tal como em Lewin (1970a) também aqui o sistema  
de crenças do indivíduo será visto sob o aspecto  
da perspectiva de tempo. Refere-se o autor às  
crenças da pessoa sobre o passado, o presente e o  
futuro, e a maneira como se relacionam umas com as  
outras. A perspectiva de tempo pode variar desde  
muito estreita, limitada, até bastante ampla. No  
caso de uma ampla perspectiva de tempo, o passa-  
do, o presente e o futuro estão representados no  
sistema de crenças do indivíduo e ele os vê como  
se relacionando entre si. No caso de uma perspec-  
tiva limitada, há maior representação de um des-  
ses "segmentos" do tempo e a pessoa não percebe a  
relação que existe entre eles. São pessoas orien-  
tadas ou para o passado, ou para o presente ou pa-  
ra o futuro, e a continuidade que existe entre e-  
les não é considerada pelo indivíduo.

Com base nesta descrição do sistema de crença e



descrença foi feita uma caracterização do que viria a ser uma pessoa dogmática ou não dogmática, ou conforme será usado daqui por diante, pessoas com sistemas fechados ou abertos. Daremos em seguida estas características e na próxima seção discutiremos suas implicações comportamentais.

1) Com relação a organização no contínuo crença- descrença

Um sistema de crenças é considerado "fechado" na medida em que existe uma grande magnitude de rejeição de todos os subsistemas de descrenças, um isolamento de crença, uma grande discrepância no grau de diferenciação entre sistemas de crença e descrença e pouca diferenciação no sistema de descrença.

2) Com relação à dimensão central periférica

Quanto mais fechado for o sistema de crenças mais o mundo será visto como ameaçador, maior será a crença na autoridade absoluta, as pessoas serão avaliadas de acordo com as autoridades com que se alinham, e mais as crenças periféricas estarão relacionadas entre si de acordo com a origem comum na autoridade, e não de acordo com sua conexão lógica

3) Com relação à perspectiva de tempo

É característica do sistema fechado uma perspectiva de tempo limitada, onde as regiões passado, presente e futuro estão isoladas umas das outras, e o indivíduo baseia suas crenças apenas em uma dessas

regiões. Crê o autor que o indivíduo "fechado" tenderá a ser orientado para o futuro. "The disciplined restraint upon the future is lifted if a person cannot or will not evaluate information on its own merits. Thus, in closed systems, the main cognitive basis is missing from the distinction between the immediate and remote future. Knowledge about the remote future is impossible to secure and, hence one can be safely preoccupied with it (...) Things that happen in the present should be in service of 'confirming' the remote future." (Rokeach, 1960 pg. 64).

Com base nestas características foi desenvolvida a escala de Dogmatismo. Inicialmente foram formulados 66 ítems, dos quais foram selecionados os melhores 40 ítems. A escala D encontra-se em anexo.

Esta escala foi validada tendo como amostra estudantes de universidade americanos e ingleses, veteranos <sup>americanos e uma amostra de trabalhadores ingleses</sup>. Dentre os estudantes ingleses haviam representantes da Sociedade Comunista, uma organização estudantil. Todos foram testados entre os anos de 1952 e 1956. Os índices de fidedignidade variam, de acordo com a amostra de .68 a .93. A validade da escala foi testada a partir de procedimentos experimentais, onde eram comparados indivíduos altos e baixos em dogmatismo. Desta forma foram testadas as predições teóricas sobre habilidade de análise e síntese, capacidade de

incorporar novos sistemas de crenças, capacidade de perceber contradições entre crenças, assim como a influência da experiência prévia sobre a solução de problemas. Trata-se do que Cronbach e Meehl (1955) de nominaram de "construct validation". Este tipo de validação ocorre sempre que um teste deve ser interpretado como uma medida de algum atributo ou qualidade que não pode ser operacionalmente definido. "Construct validity must be investigated whenever no criterion or universe of content is accepted as entirely adequate to define the quality to be measured" (Cronbach e Meehl, 1955, pg.283). No caso da escala D, trata-se de uma medida de uma nova característica de personalidade, para a qual não dispomos ainda de um critério externo que se possa julgar adequado para comparação.

Este tipo de validação, embora tenha sofrido algumas críticas (Bechtoldt, 1959, por exemplo, acha que a introdução do conceito de validade de construto não contribui em nada para a ciência psicológica. Segundo ele, tal conceito "creates, at best, unnecessary confusion and, at the worst, a nonempirical, nonscientific approach to the study of behavior." (pg.628) , é recomendado pela APA. De acordo com APA Standards for Educational and Psychological Tests and Manuals, o uso da validade de construto requer uma combinação de estudos lógicos e empíricos... Devemos verificar se a teoria adequadamente é capaz de prever comporta

mentos a partir dos escores obtidos no teste. Assim, a validação de construto envolve tres passos: primeiro, perguntamo-nos quais as hipóteses que podemos levantar, com base na teoria, sobre o comportamento das pessoas com escores altos e baixos no teste; em seguida coletamos os dados para a verificação das hipóteses; finalmente verifica-se se a teoria explica corretamente os dados obtidos. É este o tipo de validação que nos propormos a fazer com a escala D.

## 2.1 O Problema da Validação da Escala D

Ao que tudo indicava tínhamos encontrado um instrumento adequado ao problema. As pessoas socializadas autocraticamente deviam apresentar características semelhantes àquelas das pessoas de sistema fechado, especialmente com relação à organização central-periférica, onde as crenças com respeito à autoridade são mais destacadas.

O problema imediato que então se colocava era se seria possível empregar a escala D em nosso meio, tal como proposta em sua fase final. Também nós não possuímos nenhum critério externo que garantisse sua validade, assim como percebíamos características diversas em nossa realidade, daquelas onde foi validada a escala. Por exemplo, não temos conhecimento de nenhuma Sociedade Comunista institucionalmente reconhecida nos meios acadêmicos. Tínhamos condição de estudar os itens da escala em bases puramente estatísticas, para sabermos se estavam ou não discriminando "alguma coisa", porém não tínhamos como saber se esta "alguma coisa" era ou não dogmatismo. Voltávamos, em última análise ao problema inicial de como validar a escala.

Ao mesmo tempo já tínhamos uma situação experimental montada em linhas gerais para o estudo da interação liderança-socialização. Esta situação necessariamente nos proporcionaria dados sobre como reagem as pessoas a diferentes tipos de liderança. A própria si

tuação experimental serviria como base para a validação da escala, da mesma forma como foram feitos estudos experimentais para a validação por Rokeach. Em outras palavras, propusemo-nos a que a situação experimental, e os dados daí advindos servissem como instrumento para a validação de construto da escala D em nosso meio.

Vejamos, então quais as hipóteses que podem ser levantadas, se possível em termos comportamentais sobre uma pessoa de sistema aberto ou fechado.

De acordo com a descrição de Rokeach, caracterizam um esquema fechado, ao longo da dimensão crença-descrença, a ocorrência de isolamento, pouca diferenciação e estreiteza do sistema de descrença. Estabelecidos os critérios para avaliação do aparecimento dessas características esperamos encontrá-las em maior número entre indivíduos de esquema fechado do que entre indivíduos de esquema aberto.

Com relação à dimensão central-periférica, uma vez que indivíduos de esquema aberto e fechado serão igualmente confrontados com líderes democráticos e autocráticos, espera-se que as diferentes situações levem a diferentes formas de relacionamento com o líder, e conseqüentemente a diferentes atmosferas de grupo. Assim, no caso de liderança democrática e indivíduos abertos, não deverá haver formação de tensão nos sujeitos. O líder estará ali apenas como aquela figura de autoridade que fornece informações acerca do mundo

sem tentar impingi-las aos Sujeitos. Será quase um membro do grupo discutindo as várias proposições. Não estará aplicando reforços ou punições arbitrariamente. Em suma, será uma figura de autoridade que não entra em conflito com o que é esperado pelos indivíduos abertos. Podemos esperar que a atmosfera seja agradável e que os Sujeitos apreciem a situação do grupo.

Da mesma forma, os Sujeitos fechados deverão apreciar a liderança autocrática. A figura de autoridade não estará dando apenas informações, mas impondo-as. Não será um membro do grupo, mas alguém que quer ser percebido como autoridade. A direção das discussões será dada pelo líder, independente do desejo dos membros e para tanto é necessário que todos dependam dele. Os reforços e punições serão pessoais e arbitrários. Não sendo permitida uma discussão livre, mas sempre orientada, a dependência do líder será muito grande. Também aqui não deverá haver formação de tensão. Esta é a figura de autoridade tal como os indivíduos fechados percebem que deve ser. A atmosfera -- do ponto de vista dos Sujeitos -- deverá ser agradável também e eles devem ficar satisfeitos com a situação de grupo.

Nos outros dois casos, a situação experimental deverá criar algum tipo de tensão. Em ambos os casos, a figura do líder não corresponde à figura de autoridade conforme representada em seu sistema de crenças.0

que pode se esperar então?

Para os Sujeitos fechados sob liderança democrática , provavelmente o líder não será visto como autoridade. Os membros não deverão estruturar-se como um grupo, uma vez que não existe "autoridade" que assim o imponha. A situação provavelmente se estruturará mais como "laissez faire" do que como democrática. Não será uma situação de todo desagradável, uma vez que não existem punições externas, mas igualmente não será agradável uma vez que se trata de uma situação de conflito. Existe um líder que deveria se comportar de determinada forma de acordo com o sistema de crenças do indivíduo, e que no entanto comporta-se de maneira diversa, não sendo possível modificar-se a situação (nem o indivíduo aceita mudar seu sistema de crenças nem vê possibilidade de modificar o comportamento do líder). A resolução desta situação de conflito pode dar-se de duas formas: 1) abandonando a situação; 2) reestruturando o campo cognitivo (o que pode ser feito de várias formas.)

O mesmo ocorrerá no caso da liderança autocrática exercida sobre Sujeitos abertos. Aqui, entretanto, a situação deverá ser totalmente desagradável, uma vez que além do conflito entre sistema de crenças do indivíduo e comportamento do líder, este comportamento também é punitivo em si (para sujeitos abertos). Espera-se, portanto, que a tensão seja maior nesta situação do que na anterior. As formas de solução são as mesmas explicitadas acima.



Estas descrições de situações são apenas teóricas e só ocorrerão caso a escala D ao discriminar entre indivíduos altos e baixos em dogmatismo, realmente separa os indivíduos de acordo com a descrição do que é uma pessoa de sistema aberto e fechado. Em outras palavras, se os fatos acima descritos como resultantes da interação entre tipo de líder e escore na escala D ocorrerem, podemos aceitar a escala como válida, dentro do que ela se propõe a medir.

Uma outra proposição de Rokeach refere-se à formação do sistema de crenças. Trata-se de um dado experimental sobre a percepção que os indivíduos têm de seus pais. Foi encontrado que pessoas de sistema aberto expressam mais ambivalência em relação às figuras paternas do que as pessoas de sistema fechado. Estas, por seu lado apresentam sinais de "glorificação" dos pais. Também foi verificado que a influência de grupos externos ao familiar é maior nas pessoas de sistema aberto.

Os experimentos que levaram a essas conclusões baseiam-se nos achados de Adorno et al. (1950). No caso da personalidade autoritária foi encontrado que as pessoas altas na escala F tendem a idealizar as figuras paternas, terem sentimentos de que são "vítimas", serem submissas a autoridade dos pais e serem orientadas para o grupo familiar (ingroup orientation to the family). Segundo os autores, os pais de pessoas altas na escala F têm como objetivo na criação de seus filhos, valores altamente convencionais: o que é aceito socialmente e que ajuda a subir na escada social é "bom", e o que é desviante, diferente ou social-

mente inferior, é "ruim". Por outro lado esses valores são impostos à criança, não correspondendo a suas necessidades. Nasce daí uma submissão da criança, que no entanto, reflete a alienação dos valores parentais da personalidade da criança. As reações passam a ser estereotipadas e desprovidas de afeto. Daí os sujeitos altos em autoritarismo senem dependentes, submissos e ao mesmo tempo sentirem-se vítimas dos pais. Isto leva a um ressentimento em relação às figuras parentais, que devido aos valores que lhe foram impostos não pode ser expresso abertamente. "Resentement, be it open or disguised, may readily be understood in view of the strong parental pressures to enforce 'good' behavior together with the meagerness of rewards offered. As a reaction against the underlying hostility, there is often rigid glorification and idealization of the parents. The artificiality of this attitude may be recognized from the description of the parents in exaggerated, superlative (and at the same time stereotypical and externalized) terms."

(Adorno et al., 1950, pg. 386)

Redhun (1967) encontrou correlações positivas entre a escala de dogmatismo e oito escalas do PARI (Parental Attitudes Research Instrument). As escalas do PARI utilizadas foram: Fostering Dependency, Seclusiveness, Breaking the Will, Harsh Punishment, Demanding Activity, Deification of Parents, Ascendancy of Husband e Suppression of Affection. Conclui o autor que "because these attitudes tend to encourage heavy reliance on parents, to prohibit clear consideration of competing beliefs, and to narrow the chil's ran-

ge of contacts, they favor the development of a similar closed-minded system in the child" (pg.262).

Resumindo as hipóteses aqui levantadas temos:

- a) indivíduos fechados apresentarão maior número de indicadores de isolamento, pouca diferenciação e estreiteza do sistema de descrença do que indivíduos abertos;
- b) indivíduos fechados mostrarão maior dependência do líder do que indivíduos abertos;
- c) quando houver incompatibilidade entre estilo de liderança e socialização dos indivíduos haverá maior tensão;
- d) indivíduos fechados terão ambientes socializadores diferentes de indivíduos abertos e apresentarão tendência à glorificação dos pais.

## CAPÍTULO 3

### A Pesquisa Experimental

O experimento a que nos propusemos é basicamente uma réplica do estudo de Lewin, Lippitt e White, com algumas variações.

#### 3.1 Sujeitos:

Alunos do Ciclo Básico de Ciências Humanas da PUCSP, selecionados da seguinte forma:

- a) foram abertas inscrições para um curso optativo, sem direito a crédito, com duração de 5 semanas. Todos os alunos do Básico podiam inscrever-se. O nome do curso era "Influência dos Meios de Comunicação de Massa sobre o Comportamento dos Indivíduos."
- b) Foi aplicada, também a todos os alunos do Ciclo Básico a escala D em sua forma final. A aplicação da escala foi apresentada como uma pesquisa dos professores da Faculdade de Psicologia, não sendo estabelecida qualquer relação com o curso para o qual os alunos haviam se inscrito duas semanas antes.

Dentre os alunos que se inscreveram para o curso, foram selecionados os que tinham escores mais altos e mais baixos na escala (24 ao todo, 12 em cada grupo). Esses alunos foram contatados pela professora do curso para acerto de horários, restando finalmente 20 alunos que foram divididos em 4 grupos de 5 (2 grupos altos em dogmatismo e 2 grupos baixos em dogmatismo). A idade média dos Ss estava entre 19 e 20 anos.

### 3.2 Procedimento:

As combinações entre tipos de líder e membro foram as seguintes:

Grupo 1 - membros baixos em dogmatismo - liderança democrática

Grupo 2 - membros altos em dogmatismo - liderança autocrática

Grupo 3 - membros altos em dogmatismo - liderança democrática

Grupo 4 - membros baixos em dogmatismo - liderança autocrática

Os grupos reuniram-se uma vez por semana durante 50 minutos, para assistirem ao curso. A primeira aula foi de caráter expositivo, com a finalidade de apresentação do curso e introdução a conceitos básicos de Comunicação de Massa. A única manipulação experimental desta aula foi com relação aos objetivos do curso e como ele iria funcionar. Assim, para os grupos sob liderança democrática foi dito que eram os objetivos do curso:

- dar aos alunos um melhor conhecimento de como são utilizadas as diversas técnicas de persuasão na comunicação de massa.
- formar uma consciência crítica nos alunos
- fornecer e clarificar alguns conceitos básicos
- melhorar a comunicação dentro do próprio grupo.

Com relação ao funcionamento do grupo:

- as aulas seriam de debates e discussão, esperando-se a participação intensa do grupo.

- cada semana seria feita a discussão sobre um tipo de comunicação, tentando situar os conceitos aprendidos.
- serão analisados: propagandas, programas de TV, conteúdos de jornais e revistas.

Ao grupo sob liderança autocrática foi dito, com relação aos objetivos do curso:

- estudar como os meios de comunicação de massa influenciam o comportamento das pessoas.

Com relação ao funcionamento do grupo:

- cada aula seria a análise de um tipo de comunicação.

A partir desta introdução, era iniciada a aula de exposição de conceitos. As aulas seguintes tinham um objeto de estudo específico. Os grupos democráticos escolhiam o que queriam discutir (p.ex., qual programa de TV, qual revista, etc.) e essa mesma tarefa era dada aos grupos autocráticos.

Durante as aulas dois observadores treinados estiveram presentes. Foram apresentados como estagiários no setor de Observação e que necessitavam apresentar um trabalho sobre observação de pequenos grupos. Aos grupos sob liderança democrática foi perguntado se eles se incomodavam de serem gravados e observados (todos os membros disseram não se importar, embora, posteriormente alguns tenham vindo solicitar maiores informações a respeito dos observadores), e aos demais grupos foi dito que as estagiárias tinham pedido permissão à professora (líder) e que ela tinha concedido.

Um desses observadores ficou encarregado de verificar

o desenvolvimento da dinâmica de grupo (em termos de comunicação, atmosfera, formação de sub-grupos, envolvimento, expressões corporais, etc.). O outro observador anotava a direção das verbalizações e gestos de assentimento ou negação, em unidades de tempo de 30 segundos. Havia também a gravação em fita de todas as sessões.

Ao fim de cada sessão os observadores e o líder avaliavam o grupo numa escala de 5 pontos com relação à formalidade, interesse, permissividade do grupo e agradabilidade da atmosfera afetiva interpessoal. Essas avaliações são baseadas em Heyns e Zander (1966).

O líder foi o mesmo para os 4 grupos. Observadores e líderes foram treinados durante dois meses numa pesquisa piloto. Durante o experimento somente o observador da dinâmica do grupo não sabia as características dos grupos, embora com o passar do tempo fosse percebendo as diferenças nas situações.

Foi feita também uma última sessão de avaliação para que se pudesse ter um relato do grupo sobre como eles se sentiram durante o curso. Foi também solicitado que na última aula eles trouxessem por escrito suas impressões sobre cada um dos membros e do líder, assim como do curso em geral e do relacionamento grupal.

Após o término do curso os observadores solicitaram uma entrevista pessoal com cada membro dos grupos a fim de completarem seu trabalho. Nessa entrevista era perguntado: como se sentiram no grupo, como viram a figura da professora, como comparavam a professora com outros professores que ti

nham na Faculdade, que tipo de colégio tinham frequentado, qual o professor que mais (e menos) tinham gostado, e por que, como era o relacionamento familiar, descrição das características de pai, mãe, irmãos, e quais outros grupos que frequentou e qual sua influência.

Foi criada a partir da descrição de Rokeach, uma categorização que indicasse as características de sistema fechado. Assim, em relação ao comportamento verbal dos Ss, foram consideradas características de:

a. Isolamento

- |   |  |
|---|--|
| - coexistência de crenças logicamente contraditórias  | 1. fazer afirmações contraditórias entre si  |
|   | 2. fazer afirmações contraditórias com relação a um princípio básico subjacente.   |
| - percepção de irrelevância   | 3. não levar em conta o que o outro fala   |
|   | 4. dizer que não é importante  |
| - negação de contradição  | 5. negar a contradição de fatos (ex.: só de olhar vê-se que é absurdo; é assim por acaso; a exceção confirma a regra; os fatos verdadeiros são inacessíveis, etc.) |
| - acentuação de diferenças e minimização de semelhanças entre sistema de crença e descrença | 6. não aceitação da semelhança de argumentação   |
|   | 7. busca de diferenças entre posições semelhantes  |

b. Pouca Diferenciação

- |  |  |
|--|--|
| - percepção de semelhança entre subsistemas de descrença | 8. não ver diferenças entre conceitos ou argumentos diferentes (ex.: é tudo a mesma coisa) |
|--|--|



c. Estreitamento do Sistema de Descrença

9. afirmação de desconhecimento(ou negação de conheci -  
mento)de fatos ou concei -  
tos.

d. Relacionamento de Crenças

de Forma não Lógica

10. fazer relações que não  
existem entre conceitos ou  
argumentos.

A categoria 10, ao contrário das demais, pertence à di  
mensão central-periférica. Por ser no entanto, facilmente  
verificável em termos de comportamento verbal, foi aqui  
incluída.

Alguns problemas de ordem técnica obrigaram a mudanças  
no esquema proposto para o experimento. Assim, o grava -  
dor apresentou defeito em sessões dos grupos 1,2 e 4 (sen  
do que nos grupos 1 e 2 não registrou nada das sessões) o  
brigando a eliminação destas sessões. Conseqüentemente  
foi também eliminada uma sessão do grupo 3.

Com relação à escala D, foram analisados os dados de  
todos os alunos do Ciclo Básico (N=471), inscritos ou não  
no curso. Na fase pré-experimental, a escala foi testada  
numa amostra de 50 pessoas, alunos da PUCSP, de modo que  
fossem excluídos os itens que não apresentavam poder de  
discriminação. Com base nesse pré-teste foram seleciona -  
dos 33 itens para aplicação nos alunos do Ciclo Básico. Em  
anexo podem ser encontradas as formas original e final da  
escala.

### 3.3 Resultados

Em cada um dos grupos houve evasão de um dos membros

As razões foram as seguintes: no grupo 1 o S morava a grande distância da Universidade e o horário não lhe era o mais conveniente; no grupo 2, o S contraiu hepatite; no grupo 3 o S conseguiu um emprego cujo horário era incompatível com o curso, e no grupo 4 o S declarou posteriormente que não tinha gostado muito, uma vez que somente ela se manifestava, além do líder.

Um dos Ss do grupo 3 recusou-se a fazer a avaliação pessoal solicitada, e no grupo 4 um dos Ss não veio para a entrevista final, não tendo sido possível descobrir a causa.

As respostas aos itens da escala D podem ser dadas num contínuo de -3 (discordo totalmente) a +3 (concordo totalmente) sem um ponto zero. Estes números foram transformados, para facilidade de cálculo, para um contínuo de 1 a 6. Para os 471 Ss que responderam à Escala, os dados relativos à distribuição das respostas são:

média - 104, 70

desvio padrão - 16,21

amplitude - 108 (43 a 151)

Na Tabela 1 encontram-se os dados referentes às diversas especificações que puderam ser feitas sobre os Ss. O coeficiente de consistência interno calculado entre as metades (split half technique) com correção de Spearman Brown é igual a 0,69. A análise de itens, feita com a utilização da estatística de correlação ponto bisserial, mostrou que os itens 2,4,5,19,20,21 e 27 não são bons discriminadores ( $r_{bis} = 0,157, 0,094, 0,161, 0,186, 0,196, 0,180$  e  $0,176$  respectivamente)

TABELA 1

Dados Obtidos na Escala de Dogmatismo segundo Curso, Sexo e Opção

	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	N
CURSO			
Pedagogia	104,71	16,50	69
Psicologia	97,61	14,42	92
Cien.Sociais	102,97	15,73	59
Direito	109,85	16,59	76
História	104,88	17,36	26
Fonoaudiol.	103,45	14,42	38
Administração	110,04	18,71	24
Economia	106,08	16,25	39
Serv.Social	112,16	11,52	25
Contabilidade	122,00	6,30	7
Geografia	101,33	11,78	15
SEXO			
Masculino	107,42	19,14	81
Feminino	104,07	15,49	390
OPÇÃO (+)			
Sim	102,78	15,47	225
Não	106,47	16,70	246
TOTAL	104,70	16,21	471

(+) Alunos que optaram(ou não) por fazer o curso de Comunicação de Massa

Quanto à direção das verbalizações, os dados foram quantificados levando-se em conta também a duração das verbalizações. Tendo em vista que a unidade de tempo utilizada era de 30 segundos, temos então as seguintes categorias:

- Líder Para Grupo (LG) - durante 30 segundos ou mais  
 - durante menos de 30 segundos
- Líder para Membro (LM) - durante 30 segundos ou mais  
 - durante menos de 30 segundos
- Membro para Líder (LM) - durante 30 segundos ou mais  
 - durante menos de 30 segundos
- Membro para Grupo (MG) - durante 30 segundos ou mais  
 - durante menos de 30 segundos

A Tabela 2 mostra as porcentagens obtidas para cada uma dessas categorias. A análise estatística utilizada foi a de diferença entre proposições testadas 2 a 2.

TABELA 2

Porcentagens relativas à Direção das Verbalizações

Grupo	LG $\geq$ 30	LG $<$ 30	LM $\geq$ 30	LM $<$ 30
Aberto	16,13	16,2	5,27	9,06
Fechado	5,69 <sup>+</sup>	13,77	2,18 <sup>+</sup>	13,4 <sup>+</sup>
	ML $\geq$ 30	ML $<$ 30	MG $\geq$ 30	MG $<$ 30
Aberto	6,45	35,69	0,37	10,8
Fechado	6,48	41,27 <sup>+</sup>	0,58	16,59 <sup>+</sup>

(+)  $p < 0,01$

Embora não tenha sido previsto no planejamento, à medida em que as sessões iam sendo transcritas, foi-se notando a incidência de interrupções, silêncios prolongados, risos do grupo e sinais de insegurança nas colocações de alguns membros (expressões do tipo: eu não sei bem se é isso; eu vou só achar, tá?). Esses dados foram quantificados e são apresentados na Tabela 3 juntamente com o número de gestos de assentimento (não ocorreram gestos de negação), e indicadores de sistema fechado. O teste utilizado neste caso foi o chi-quadrado.

TABELA 3

Interrupções (I), Silêncios (S), Risos (R), Sinais de Insegurança (Ins.); Gestos de Assentimento para o Líder (+l) , para Membro (+m) e Características de Sistema Fechado (SF) - Valores Brutos

Grupo	I	S	R	Ins.	+l	+m	SF
Aberto	41	31	103	4	537	27	11
Fechado	165 <sup>+</sup>	67 <sup>+</sup>	36 <sup>+</sup>	35 <sup>+</sup>	212 <sup>+</sup>	21	52 <sup>+</sup>

(+)  $p < 0,01$

Os dados referentes às avaliações dos observadores e líder encontram-se discriminados por sessão nas Figuras 1 a 4 e as comparações entre os grupos 2 a 2 na Tabela 4, analisadas pelo Teste de Scheffé.

TABELA 4

Comparações entre os grupos, dois a dois, das avaliações de observadores e líder.

Variável	F'	p
<u>Interesse:</u>		
G1 vs. G2	28.16	<.01
G1 vs. G3	48.16	<.01
G1 vs. G4	1.25	n.S
G2 vs. G3	2.66	n.S
G2 vs. G4	17.5	<.05
G3 vs. G4	33.83	<.01
<u>Formalidade:</u>		
G1 vs. G2	20.05	<.01
G1 vs. G3	2.05	n.S
G1 vs. G4	15.44	<.05
G2 vs. G3	9.25	n.S
G2 vs. G4	0.3	n.S
G3 vs. G4	6.21	n.S
<u>Atmosfera:</u>		
G1 vs. G2	22.45	<.01
G1 vs. G3	10.81	<.05
G1 vs. G4	17.72	<.01
G2 vs. G3	2.09	n.S
G2 vs. G4	0.27	n.S
G3 vs. G4	0.84	n.S

Variável	F'	p
<u>Permissividade:</u>		
G1 vs. G2	9.9	n.S
G1 vs. G3	20.0	<.01
G1 vs. G4	4.3	n.S
G2 vs. G3	1.75	n.S
G2 vs. G4	1.09	n.S
G3 vs. G4	5.63	n.S

A Tabela 4 e as Figuras 1 a 4 permitem ter uma visão do clima nos vários grupos. A variável "permissividade" não será comentada pois verificou-se que não houve consenso com relação ao critério adotado pelos avaliadores.

Com relação à variável "interesse" os grupos 1 e 4 mostraram-se os mais interessados não diferindo entre si, mas significativamente diferentes dos grupos 2 e 3. Estes dois grupos por sua vez mostraram-se pouco interessados, também não diferindo entre si. A variável "sistema de crença" é a responsável pela variação de interesse. Quanto à "formalidade" o grupo 1 mostrou-se o menos formal de todos. A diferença não foi significativa apenas em relação ao grupo 3, onde conforme veremos adiante, estabeleceu-se um clima de desorganização, não havendo condições para o aparecimento de formalidade. Esta parece depender do tipo de liderança, em vez de depender do sistema de crenças conforme se pode ver na Figura 2.

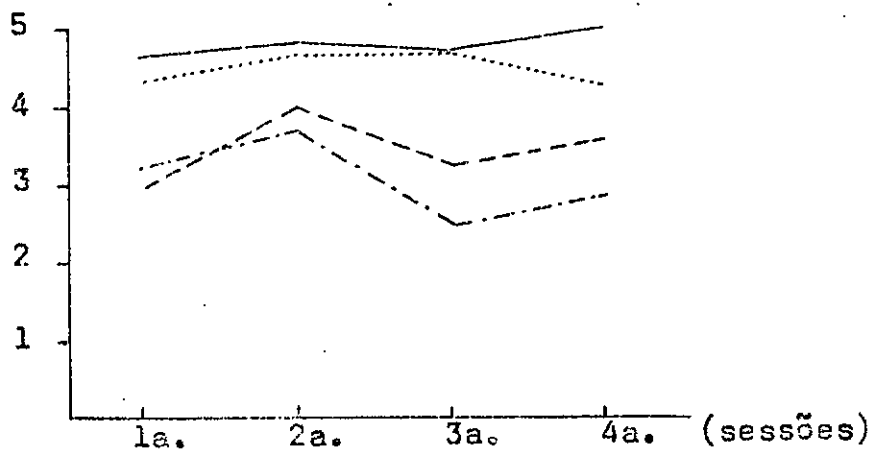


Fig. 1 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Interesse"

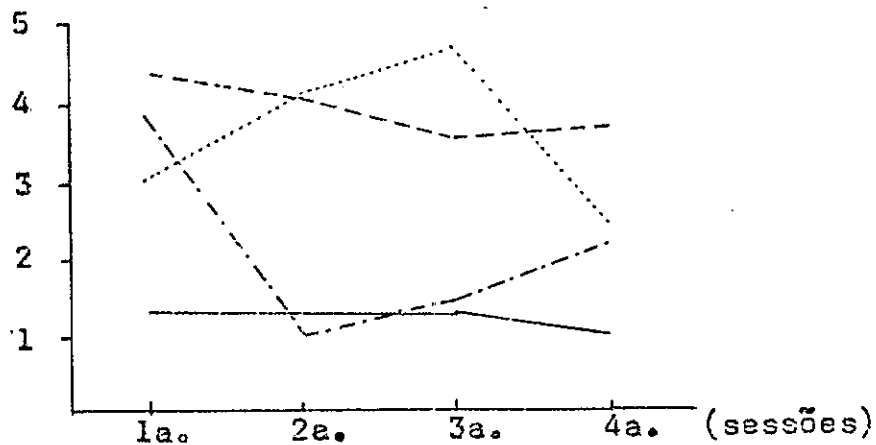


Fig. 2 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Formalidade"

Grupo 1 —————  
 Grupo 2 - - - - -  
 Grupo 3 - · - - -  
 Grupo 4 ········



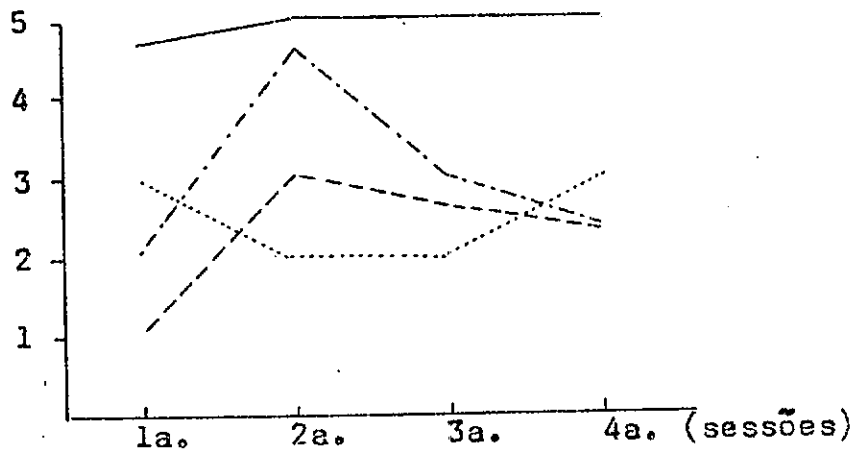


Fig. 3 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Atmosfera"

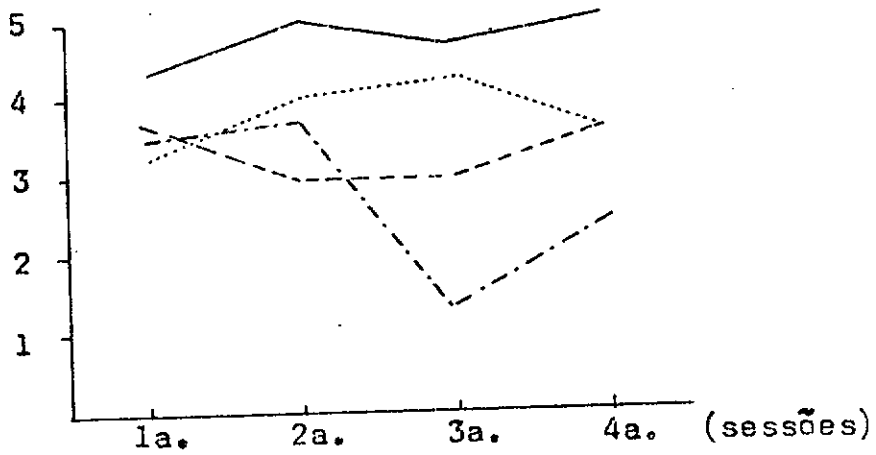


Fig. 4 - Média das Avaliações de Observadores e Líder para "Permissividade"

Grupo 1 ———  
 Grupo 2 - - - - -  
 Grupo 3 - · - · - ·  
 Grupo 4 ······

No que diz respeito a "atmosfera" o grupo 1 foi o melhor avaliado, diferindo de todos os demais. Entre os grupos não houve diferenças significativas.

O que se pode contar é que o grupo 1 foi o melhor avaliado em todas as variáveis. Neste grupo foi alto o grau de interesse, baixo o nível de formalidade e a atmosfera afetiva interpessoal muito agradável. Os demais grupos mostram algumas variações que merecem ser avaliadas juntamente com os demais dados relativos a clima dos grupos uma vez que são decorrentes da interação de vários fatores.

### 3.4 Discussão

A escala D sob análise estatística apresentou um bom índice de consistência interna, embora não tenha atingido os coeficientes máximos obtidos por Rokeach em seus estudos. Na verdade não esperávamos um coeficiente muito alto, principalmente por ser a escala composta de itens que se propõem a medir diversos aspectos da característica mais geral de dogmatismo (por exemplo, percepção de irrelevância, diferenciação no sistema de crenças, autoritarismo, etc.). A variável "curso em que o S está matriculado" demonstrou não ser relevante, embora o curso de Contabilidade tenha tido Ss com escores bem mais altos do que os demais, e bastante afastados da média da amostra como um todo. No entanto, o número de Ss que cursavam Contabilidade é pequeno o suficiente para impedir maiores generalizações. A variável sexo tampouco é relevante para a determi

nação do tipo de sistema de crença do indivíduo.

A amostra escolhida para a pesquisa, selecionada através da opção para o curso de Comunicação de Massa, não apresentou tendenciosidades devidas a este tipo de seleção. Assim as médias dos Ss divididos pela variável "opção vs. não opção" é semelhante, e a correlação entre opção e escore na escala tendo como referência o curso em que o S está matriculado, calculada pela fórmula de Spearman para correlação ordinal é -0,2.

Com relação aos itens escolhidos para a forma final aqui utilizada, alguns melhoramentos ainda necessitam ser feitos. Dos 33 itens apresentados 7 mostraram-se não discriminados. Tudo indica que o pré-teste feito com a escala não foi suficiente para apontar quais os itens que realmente devem figurar na escala de Dogmatismo, embora tenha sugerido que alguns dos itens não incluídos por Rokeach devessem aparecer e que outros deveriam ter sua formulação modificada. Com a aplicação da escala a uma amostra maior surgiram mais algumas falhas que necessitam ser corrigidas.

Com relação à hipótese de que haveria maior número de indicadores de sistema fechado entre os Ss que apresentassem alto escore na escala D, vê-se pela Tabela 3 que realmente isto ocorreu. Houve 52 indicadores para os grupos fechados contra 11 dos grupos abertos, diferença esta significativa ao nível de 1%.

O número de interrupções por parte dos Ss também foi tomado como um indicador de percepção de irrelevância. Interrupções podem ocorrer quer para complementar o ponto de vis

ta de quem fala (concordando ou discordando), quer não prestando atenção ao que está sendo dito e propondo-se a colocar seu próprio ponto de vista. No primeiro caso não podemos dizer que se trata exatamente de um problema de percepção de irrelevância, visto que na possibilidade de concordância entre quem interrompe e quem é interrompido, o assunto será por ambos considerado relevante. No entanto, essas duas causas de interrupção são retratadas como indicadores de sistema fechado na escala D (veja-se itens 2 e 32 na forma final da escala). Portanto, embora nem todas as interrupções tenham o mesmo significado em termos de causalidade, todas indicam uma tendência a um sistema fechado. O que encontramos foi que, realmente os grupos fechados interromperam muito mais do que os abertos, sendo a diferença significativa ao nível de 1%.

Nossa segunda hipótese prediz uma maior dependência dos Ss fechados em relação ao líder. Essa hipótese pode ser testada em confronto com os dados sobre direção das verbalizações: no caso de maior dependência espera-se que as verbalizações LM e ML sejam mais numerosas para Ss fechados, ocorrendo o oposto no caso de MG e LG. Podemos ainda verificar o número de sinais de insegurança e gestos de assentimento. A hipótese relativa à direção das verbalizações apoia-se no fato de que a situação experimental é uma situação de interação entre Ss e líder. Assim sendo, embora haja parâmetros que distingam o comportamento do líder nos vários grupos, não se pode deixar de lado o fato de que ele deve responder às solicitações dos membros dos grupos de alguma forma. Assim,

espera-se que sendo mais solicitado pelos membros individualmente (ML) suas respostas sejam mais dirigidas a membros como indivíduo (LM). Por outro lado, uma menor dependência do líder levará a uma maior distribuição de verbalizações dentro do grupo (MG) e conseqüentemente a uma maior interação do líder com o grupo como um todo (LG).

Os "sinais de insegurança" representam uma forma de expressão de dependência, pois através deles os Ss mostram que estão colocando seus pontos de vista para serem julgados pelo líder, e ele deverá dar a última palavra a respeito.

Quanto aos "gestos de assentimento", inicialmente julgávamos que eles fossem significar uma dependência total do líder e conseqüente concordância com tudo o que ele dissesse. O que ocorreu, no entanto, é que estes gestos não demonstravam somente concordância, mas basicamente interesse. Era o modo escolhido pelos Ss para demonstrar que estavam acompanhando o que era dito pelo líder e que estavam prestando atenção. De maneira contundente, este tipo de manifestação ocorreu no grupo 4, conforme comentaremos adiante, onde os membros impedidos de participar como desejavam devido ao clima estabelecido pela liderança autocrática, utilizavam-se dos gestos de assentimento para demonstrar seu interesse pelo assunto.

Na Tabela 2 temos os dados relativos à direção das verbalizações. Confirmam nossa hipótese ao nível de 1% os dados relativos a  $LG \geq 30$ ,  $LM < 30$  e  $ML < 30$ . Nos casos de  $LG < 30$ ,  $ML \geq 30$  e  $MG \geq 30$  não houve diferenças significativas embora para  $LG < 30$  a diferença tenha sido na direção esperada. Os dados para  $LM \geq 30$  e  $MG < 30$  são opostos aos esperados.

O fato de não se ter encontrado diferenças nas direções ML e MG  $\geq 30$  pode ser explicado por serem menos longas as explicações por parte dos membros. De um modo geral eles colocam uma série de problemas que vão sendo explicitados no decorrer da discussão. Note-se que além de as diferenças não serem significantes, as porcentagens relativas a esses tipos de verbalizações são também baixas, principalmente se comparadas a seus equivalentes de menor duração.

Quanto aos resultados de LM  $\geq 30$  e MG  $< 30$  não sabemos como explicá-los. Poder-se-ia levantar como hipótese alternativa o fato de as interrupções dos grupos fechados não permitirem verbalizações longas quer por parte do líder, quer dos membros. De qualquer modo, os dados da Tabela 2 não podem ser considerados conclusivos para a hipótese de dependência.

Os sinais de insegurança porém, mostram claramente que os Ss fechados buscavam um maior apoio e aprovação no líder. A diferença entre os grupos é significativa ao nível de 1%.

Com relação à hipótese de maior tensão nos grupos onde es tilo de liderança é incompatível com o sistema de crenças dos indivíduos, podemos examinar a questão inicialmente levando em conta como os Ss se sentiram no curso. Este dado nos é fornecido pelas avaliações feitas na última sessão nas entrevistas e nas avaliações pessoais. Esses dados podem ainda ser comparados com as observações de atmosfera.

Desta forma temos que no grupo 1 o clima foi o melhor possível. Os Ss ressaltaram o fato de terem se sentido descontraídos, à vontade, sem "grilos". É interessante notar que um dos membros colocou que em geral, não se gosta de todos

num grupo, mas que naquele tinha sido diferente, e todos se deram bem. A única crítica que surgiu foi com respeito à presença dos observadores; ainda assim, 2 membros disseram que eles não atrapalharam em nada.

Este tipo de atmosfera foi também descrito pelo observador que qualificou o grupo como informal, espontâneo, entusiasmado, divertido, com um clima agradável. As avaliações feitas pelos observadores e líder dão conta de um grupo onde a atmosfera é muito agradável, a formalidade é mínima e o nível de interesse é alto.

A relação com o líder pode ser estudada a partir dos dados da última sessão, das entrevistas e das avaliações pessoais escritas.

Assim no grupo 1, os Ss não viam o líder como diferente do resto do grupo, exercendo mais uma função de orientação e coordenação, não atrapalhando o trabalho grupal. Como disse um dos Ss "não era o cara que sabe mais falando" e ele tendo que ouvir. Todos se sentiram bastante próximos do líder, e muito à vontade com ele.

No grupo 2, o tipo de respostas dadas às questões sobre o grupo mudaram. De um modo geral, sentiram-se bem e à vontade. Esses dados foram revelados explicitamente nas entrevistas. Nas avaliações pessoais, embora tivesse sido claramente solicitado que eles avaliassem o relacionamento do grupo como um todo, apenas um S o fez, enquanto os demais limitaram-se a descrever os outros membros e o líder. É interessante a observação deste S que diz ter havido um "bom relacionamento, onde todos tinham ampla e total condição de

colocar idéias e tirar dúvidas, não saindo logicamente do ponto discutido."

Apesar do grupo ter achado que tudo correu bem, as descrições do observador mostram este grupo como formal, rígido, apático, dependente do líder, sem proximidade, sem entusiasmo e pouco espontâneo. A princípio pareceu-nos que tinha havido uma percepção diferente do mesmo fenômeno por parte do observador e dos Ss. No entanto, ao estudar mais pormenorizadamente todas as avaliações dos Ss verificamos que na realidade eles não tinham tomado como referência a atmosfera do grupo, ou o nível de relacionamento entre os membros. Os pontos levantados são em geral relativos à participação de cada um (falou muito ou pouco, concordo ou não com o que disse) ao conteúdo do curso, ao atingimento dos objetivos, enfim, ao que poderíamos chamar de pontos "objetivos" sobre o funcionamento do grupo. O relacionamento afetivo dos membros não foi avaliado. Conforme foi dito nenhum dos Ss escreveu sobre o grupo como um todo do ponto de vista das relações interpessoais. Parece que este aspecto é secundário para pessoas de sistema fechado, sendo o mais importante, o aspecto prático, útil e objetivo de uma relação.

As avaliações de observadores e líder mostram um grupo onde a atmosfera é pouco agradável, um alto nível de formalidade, e com pouco interesse.

A figura do líder foi, sem dúvida alguma, valorada positivamente. Sua participação foi vista como objetiva, não deixando que o grupo se perdesse. Duas observações de 2 Ss diferentes, valem a pena ser comentadas. Um dos membros, a



princípio, achou que o líder não tinha idade suficiente para ser um bom professor, embora aos poucos fosse vendo que ele "dominava bem o assunto". É interessante notar que há, até mesmo, a formação de um estereótipo quanto às qualidades físicas da figura de autoridade. Um outro S, ao comentar o desempenho do líder disse: "Deu chance para todos, só que você fez bem em não deixar que o assunto se dispersasse, né, a gente estava discutindo um certo ponto, então a gente tinha de ir por aquele ponto, podia falar o que queria, mas naquele ponto." Esta opinião foi basicamente a opinião de todos, demonstrando não só que a atuação do líder fora positiva, mas também que este ser "positiva" significa guiar, levar, dirigir, não deixar que se percam, enfim dar todas as diretrizes de ação.

Para os Ss deste grupo, então, também não houve um clima de tensão, sendo a situação encarada como satisfatória e positivamente valorada.

No grupo 3 há alguns dados interessantes. Todos os Ss declararam que esperavam "algo diferente" embora não soubessem dizer exatamente o que. Acharam o grupo dinâmico e participante. As críticas que surgiram foram num sentido de maior aprofundamento dos temas (segundo eles os assuntos "já eram conhecidos", com exceção da 1a. aula de debates) e de um maior relacionamento entre os conceitos da primeira aula e as demais aulas. As aulas que mais gostaram foi a primeira (expositiva) e a 2a. (propaganda). Que a aula expositiva tivesse sido mais apreciada era de se esperar, de acordo com proposições teóricas. O líder dá informações e eles as rece-

bem. Ao investigarmos o que havia de diferente da primeira aula de debates das demais; verificamos que como o clima "democrático" ainda não se houvesse instalado de forma marcante os membros mostravam-se ainda dependentes do líder, e este passou a solicitar ponto por ponto a explicitação, na prática dos conceitos dados na primeira aula. Assim, eles foram mais "guiados" nesta aula do que nas demais, embora no decorrer da sessão o líder fosse mostrando que tipo de participação teria e esperava dali por diante. Nas outras sessões, com o clima democrático já estabelecido, os membros passaram a ter outro tipo de comportamento. Conforme descreve o observador de atmosfera, tornou-se um grupo tumultuado, sem organização, agitados, desligados do líder, sem consideração para com os outros membros, e que desanimavam quando o líder interferia. Note-se que várias tentativas foram feitas pelo líder de dar "democraticamente" uma organização ao grupo, de tentar trazê-lo de volta ao assunto, mas os membros na maioria das vezes se recusavam a fazê-lo. Parece que aqui se repete o fenômeno observado por Lewin et al. (1939) embora em circunstâncias (e consequentes tipos de respostas) diferentes. No experimento de Lewin et al. "there are sudden outbursts of aggression which occurred on the days of transition from a repressed autocratic atmospheres to the much freer atmosphere of democracy or laissez faire." (pg. 283). Embora não tenhamos tido o estabelecimento de um clima anterior autocrático, supomos que o próprio sistema de crenças adquirido pelo indivíduo através de seu processo de socialização é responsável pela

expectativa de uma liderança autocrática. Ao verem que na realidade tinham muito mais liberdade, os Ss passaram a se comportar de um modo que, se objetivamente não podemos chamar de agressivo, certamente não era de consideração pelos seus pares ou pelo líder. O número de interrupções observadas neste grupo, excede incrivelmente todos os demais (135).

Deve-se no entanto notar que nas várias avaliações que eles fazem do líder, este é visto como uma pessoa que "leva bem", "com uma palavrinha fazia o grupo voltar ao assunto", "empurra a gente para chegar a uma conclusão", "leva a gente aonde quer". Tal fato porém não ocorreu, durante o desempenho do líder. Na verdade, ele tentou fazer isso, mas dificilmente conseguia. Ao que tudo indica havia um conflito estabelecido entre as expectativas dos Ss com relação à figura de autoridade e a atuação do líder. A percepção desta atuação era portanto incongruente com o esquema cognitivo dos Ss. Sabemos por um lado, que o processo perceptivo se dá numa integração de estímulos ambientais e "sets" cognitivos do indivíduo que incluem atitudes, valores, necessidade, motivações, tec. (Bruner e Postman, 1951; Rodrigues, 1972). Em casos de incongruência, uma das formas de reorganização do campo perceptivo <sup>e a distorção</sup> dos dados de acordo com as necessidades do indivíduo (Kretch e Crutchfield, 1948; Frankel-Brunswick, 1958; Bruner e Goldman, 1947).

O que os Ss deste grupo fizeram foi exatamente reestruturar a situação de modo a diminuir a incongruência percebida. Desta forma, as atuações do líder no sentido de interferência de modo a levar a uma melhor organização grupal, foram

acentuadas, e, embora na verdade ineficazes, eram mais pregnantes (Koffka, 1955) para os indivíduos. Esta forma de solução de conflito vem de encontro as hipóteses por nós anteriormente levantadas. A outra forma de resolução deste conflito seria o abandono do campo, o que na realidade também ocorreu, de certa forma. Várias vezes os membros faltaram, chegaram atrasados, e em algumas ocasiões fomos obrigados a adiar a sessão para a semana seguinte por total falta de Ss.

Tal como no grupo anterior, também aqui as avaliações foram feitas tendo como ponto de referência o tipo de conhecimento adquirido, o atingimento de objetivos, e dados sobre o conteúdo, não se atendo ao relacionamento interpessoal afetivo.

Com relação às avaliações feitas pelos observadores e líder, o grupo 3 foi visto como demonstrando pouco interesse, baixo nível de formalidade e atmosfera pouco agradável.

Finalmente, com relação ao grupo 4, a tensão foi mais alta do que em todos os demais grupos. Solicitados a falarem sobre o grupo foram unânimes em afirmar que não houve "grupo", não houve discussão entre eles, que havia um "clima estranho". De um modo geral, não gostaram do grupo, não fariam parte de outros grupos iguais a este. Um dos Ss disse que "não foi gostoso", e outro que "sentia-se mal. Era um clima estranho: poucas pessoas que não tinham relação, nem na matéria. Então a gente forçava. Nem gostei nem desgostei dos outros. A única vez que pensei em relação de grupo foi quando pediram; aí eu vi que não tinha nada." Não conseguia conversar nem com um outro Ss que ia de carona com ela para casa.

Este clima é confirmado pelo observador de atmosfera que descreve o grupo como interessado e atento (veja-se por exemplo o número de gestos de assentimento: 304), mas sem entusiasmo, não funcionando como grupo, com um clima tenso e frio. Os Ss tentaram procurar as causas deste problema, e várias possibilidades foram propostas. Embora não "culpassem" diretamente o líder, por várias vezes sugeriram que as conclusões não fossem por ele colocadas, que ele não sintetizasse e que seria melhor se o grupo funcionasse sozinho, sem a sua presença. O líder foi percebido como sendo alguém fora do grupo, que centralizou as discussões, que coordenava demais, só dava informações, a "professora". Demonstraram que não houve espontaneidade na participação, sendo que um dos Ss declarou que a primeira vez que estava sendo espontâneo era aquela onde podia colocar as críticas que gostaria de fazer (última sessão).

Embora com conteúdo completamente diverso do primeiro grupo, volta aqui um tipo de padrão de respostas mais centralizado no tipo de relacionamento interpessoal do que no conteúdo do curso ou seus objetivos.

As avaliações de observadores e líder mostra este grupo como demonstrando grande interesse, alto nível de formalidade e atmosfera pouco agradável.

É interessante notar que não houve neste grupo nenhuma tentativa sistemática de solucionamento do conflito, quer por reestruturação do campo cognitivo, quer por abandono de campo. É verdade que podemos interpretar a saída de um dos membros, e a ausência de outro na situação da avaliação como

um abandono por parte destes membros. Porém não se trata de uma solução grupal. Parece que o alívio da tensão foi realizado na última sessão, embora permaneça a questão sobre como essa tensão teria sido aliviada caso o líder não tivesse dado esta oportunidade.

Finalmente analisaremos as hipóteses levantadas por Rokeach sobre a formação dos sistemas de crenças, isto é, sobre o meio familiar que dá origem a indivíduos de sistema aberto ou fechado.

Nas entrevistas, conforme dito anteriormente, foram levantados dados a respeito não só da família, mas também de outros grupos que possam ter influência no processo de socialização do indivíduo (escola, amigos). Com relação ao ambiente familiar, os dados levantados mostram que de um modo geral os Ss abertos descrevem-no como sendo aberto, alegre, com muitas discussões e debates (5 Ss assim o apresentaram). Os dois casos restantes merecem maior análise. Num deles, trata-se de filha única, que descreve o pai como possessivo, não admitindo intromissões em seu mundo. A mãe adaptou-se ao modo de viver do pai, embora seja uma pessoa mais extrovertida. O S diz que se relaciona melhor com a mãe. Pela descrição do S, seu ambiente familiar é mais propício a aparição de um indivíduo dogmático do que não dogmático.

No outro caso, praticamente não se nota uma estrutura familiar. A diferença de idade entre os pais é muito grande (25 anos) e eles parecem não se importar muito com o que os filhos fazem. Segundo o próprio S, ninguém fica junto, não conversam, assistem TV, nunca discutem. Nunca notou se há

relacionamento entre os pais. Ao que tudo indica tratava-se de pessoa que tendia a um esquema fechado, que no entanto foi modificado devido a influência de uma amiga que lhe trouxe novas experiências principalmente no âmbito familiar. Era uma família descrita como alegre, com ambiente gostoso, onde todos batiam papo. "Nunca tinha visto algo assim (...) Vou bastante lá." Parece que o S "adotou" esta nova família como sua, e a partir dela estruturou seu sistema aberto.

Não aparece, em nenhum dos casos, sinais de glorificação dos pais. De um modo geral, o pai é a autoridade da casa, em bora sujeita a argumentação e debates. Excetuam-se os dois ca sos citados acima.

No caso dos Ss de esquema fechado, não há propriamente um padrão de respostas definido. Há uma tendência a uma disciplina mais rígida, em geral imposta pelo pai (4 casos são as sim descritos explicitamente). Nos 4 casos restantes os pa drões de disciplina variam. Notam-se no entanto:

a) para um dos Ss a autoridade é imposta via glorificação. Diz o S sobre o pai: "Ele é incrível, é ótimo. Ele é o líder. Quando tem divergência ele me explica porque estou errada (grifo nosso) e eu tenho de aceitar porque geralmente ele convence mesmo."

b) em outro caso o S não descreve o ambiente familiar antes do fenômeno "religião" ter-se manifestado sobre todos. Agora são todos muito religiosos e qualquer problema é solucionado através de orações e amor. "É uma família abençoada". Tudo gi ra em torno da religião e ela é apontada como solução para qualquer problema.

c) No 3º caso, trata-se outra vez de filho único, onde a mãe é descrita como "meio dominadora, que gosta de mandar na opinião dos outros". O relacionamento é melhor com o pai, que no entanto aceita "70% das idéias dela." Embora diga que fazia o que queria, diz também que a mãe "prendia muito" não tendo, por isso, muitos amigos.

d) Finalmente, no último caso, o pai faleceu há poucos anos e segundo a entrevistadora, o S fez questão de não dar muitos dados sobre a família, dizendo inclusive que não se lembrava do tempo em que o pai era vivo, tentando sempre apresentar a família como normal, embora deixando a impressão que escondia algo.

Em 4 casos houve nítida glorificação de uma das figuras parentais: no já citado, e em tres outros onde num o pai é descrito como "uma graça, é demais, sabe fazer tudo", noutro onde a mãe é "muito boa, boa até demais" e noutro o S diz "Ah'... eu adoro a minha mãe!" Estas são apenas expressões finais que sintetizam a descrição que os Ss fazem de seus pais.

Com relação ao ambiente extra familiar, nota-se que no grupo não dogmático os Ss tendem a ter um relacionamento normal com amigos e às vezes citam o fato de que há necessidade de diferenças de opinião e que as pessoas devem aceitar os outros como são para também serem aceitos. No entanto, exceto no caso do S que "adotou" a família da amiga, não se nota grande influência desses outros grupos sobre a formação do sistema de crenças. Eles servem mais a função de manutenção de um sistema aberto, uma vez que em geral os amigos são pro



curados para manter um debate de opiniões.

No grupo dogmático nota-se que em geral há uma redução de círculo de amizades, embora também não haja um padrão definido de respostas. Não há a preocupação com a existência de diferenças de opinião como no grupo não dogmático. Em 5 casos os amigos restringem-se ao grupo familiar mais amplo (primos) ou os §s declaram que não os têm devido a pressões da família. Num desses casos o § tinha vergonha do ambiente de que provinha (humilde). Nos 3 casos restantes os §s declararam que: 1) "só se cai do cavalo por causa de amigos"; 2) só tem um amigo que "me dá bons conselhos por saber das coisas" e 3) o grupo faz o que a maioria decide, se alguém não concorda sai do grupo.

Com relação à influência da escolarização, de um modo geral, todos os §s passaram pela escola tradicional, onde as aulas são meramente expositivas. Quando solicitados a apontar os professores de que mais tinham gostado e aqueles que menos tinham gostado, surgem algumas diferenças.

No grupo de sistema aberto são ressaltadas como qualidades a capacidade de os professores colocarem-se ao nível dos alunos, de baterem papo fora e dentro da sala de aula, de se fazerem próximos e de darem importância a opinião dos alunos. Como defeitos eram apontados, a distância dos alunos, a imposição de disciplina através do medo.

No grupo de sistema fechado, embora um relacionamento mais próximo com os alunos tenha sido algumas vezes apontado como qualidade, a tônica das vantagens ficou no fato de o professor ensinar bem, saber a matéria e impor respeito. Um dos §s declarou que gosta de professor que controla "mesmo que a au

la não seja boa, acaba enganando", e outro disse: "Tive um professor assim, que não tinha domínio nem sobre grupo pequeno. Aí o pessoal bagunça. Acho que professor não pode deixar a coisa assim. Fica ruim, bagunça".

Entre os defeitos apontados estavam a falta de controle, o desconhecimento da matéria e o fato de exigir dos alunos sem dar em troca: "você precisa relacionar sozinha o que e le diz!"

De um modo geral, o que se nota é que o núcleo familiar é sem dúvida o responsável maior pela formação do sistema de crenças. O relacionamento dos Ss fora deste grupo se dá em função do que foi apreendido através dele e do que por ele é imposto. Influências estranhas às da família ou não são buscadas ou mesmo restringidas pelos pais de Ss dogmáticos (diminuição do número de amigos) e a figura do professor é valorizada na medida em que ele se afirme como uma autoridade semelhante àquela encontrada no ambiente familiar.

Mesmo no caso do S de sistema aberto cuja família não estabelecia um parâmetro para a construção de um sistema de crenças coerente, a influência maior para a formação do sistema de crença do S veio de um outro grupo familiar que ele "adotou" integralmente.

## CAPÍTULO 4

### Conclusão

Pela análise de itens feita na escala D, vemos que ainda são necessários alguns refinamentos na sua elaboração. Alguns itens não discriminadores precisam ser retirados, e para que a escala não fique com um número muito pequeno de questões outros devem ser acrescentados. Esta pesquisa demonstrou que novos testes precisam ser realizados até que se consiga uma forma satisfatória de apresentação da escala.

Com relação às hipóteses levantadas com a finalidade de validar experimentalmente a escala, podemos afirmar que:

- a) as respostas aos itens da escala têm contrapartida comportamental, numa situação de interação. Não se trata apenas de responder a um teste, mas de comportar-se de uma determinada maneira, consistentemente com as respostas dadas. Podemos considerar que os indivíduos que apresentam um alto ou baixo escore na escala, comportam-se de forma coerente quando numa situação que não seja de teste. Embora deva existir, sem dúvida, alguma variância erro no escore obtido pelo indivíduo, podemos afirmar que esta variância é pequena, e que em situações reais seu modo de agir corresponderá às respostas que deu no teste.
- b) o comportamento de dependência da autoridade é também um traço distintivo dos indivíduos de esquema fechado. Este comportamento, no entanto, manifesta-se de formas diferentes, variando conforme a situação. Assim, quando a au

toridade é exercida de forma compatível com o sistema de crenças do indivíduo, a dependência é total, e até mesmo valorizada. Quando a autoridade se exerce de forma incompatível com o sistema de crença, o indivíduo sente-se sem apoio e em termos de grupo passa a existir um clima de tumulto e desorganização. A ordem deve ser imposta pela autoridade, para o indivíduo fechado, e se ela assim não o faz o próprio indivíduo é incapaz de se tornar independente dela e estabelecer sua própria ordem. Daí o clima de tumulto e desorganização.

c) nos casos de sistemas de crença e tipos de liderança incompatíveis, surge uma situação de conflito e consequente tensão. Esta tensão leva a que os resultados obtidos em um trabalho de grupo não sejam de todo satisfatórios, quer porque o grupo não consiga se organizar (cf. grupo 3), quer porque os ss não se sintam bem na situação (grupo 4). Podemos daí concluir que não se pode estabelecer aprioristicamente qual o melhor tipo de relacionamento entre uma figura de autoridade e um grupo, seja qual for a situação. A idéia de que uma liderança democrática é sempre melhor pode não encontrar resposta se o grupo a que se dirige tiver uma socialização autocrática (isto é, se for dogmático). Tampouco é verdadeira a idéia de que se consegue tudo pela imposição de uma liderança autocrática. Conforme o grupo, este tipo de relacionamento pode levar à criação de um sistema de tensão que necessitará encontrar uma forma de aliviar-se.

d) a principal responsável pela formação do sistema de

crenças de um indivíduo é a família. Trata-se do mais poderoso agente socializador do indivíduo. A partir de seu relacionamento com a família o indivíduo formará o seu sistema de crenças, que convem lembrar, não diz respeito a em que tipo de coisas ele vai acreditar, mas como ele vai acreditar; não diz respeito a que tipo de autoridade ele vai tomar como referência positiva, mas como ele vai se relacionar com uma autoridade. Enfim, o seu sistema de crenças não se refere a conteúdo de crenças, mas à estrutura cognitiva que leva o indivíduo a se relacionar com o mundo de uma forma ou de outra.

Algumas críticas podem ser levantadas com relação ao trabalho aqui realizado. Uma delas seria a de que foram usadas unidades de medida diferentes com relação à hipótese de tensão. Assim, medimos o que o líder e observadores acharam do clima do grupo através de uma escala de 5 pontos, e pedimos aos Ss que falassem a respeito durante uma sessão de avaliação. Seria mais correto se tivéssemos solicitado aos Ss que avaliassem os mesmos itens também numa escala. Teríamos porém de enfrentar alguns problemas. Se pedíssemos aos Ss que fizessem essa avaliação ao fim de cada sessão, sem dúvida provocaríamos algum tipo de resposta comportamental não desejada. Assim, os Ss poderiam se esforçar para se mostrarem menos formais, por exemplo, ou então poderiam passar a desconfiar que o curso não era exatamente um curso. Por outro lado, se esta avaliação fosse feita somente na última sessão teríamos ou de confiar na memória dos Ss com relação às sessões anteriores, ou então ter a avaliação de uma única sessão, ou

ainda ter uma avaliação única para o curso como um todo o que igualmente diferiria da avaliação de observadores e líder. Em bora não tenha sido a tática ideal, consideramos a que menos riscos envolvia a avaliação feita pelo grupo em discussão na última sessão.

Uma outra crítica que pode ser feita é por que não se cuidou inicialmente de uma elaboração mais aprimorada da escala para depois então passar-se para um estudo de validade. Sem dúvida isto poderia ter sido feito e certamente assim teria ocorrido se a escala se mostrasse totalmente não discriminatória. No entanto, como apesar das falhas ela apresentou um índice razoável de fidedignidade e com algum poder discriminatório, julgamos que o estudo de validade poderia ser levado a efeito, e se realmente ela medisse o que pretendia, seu refinamento poderia se constituir num trabalho posterior.

Que a escala discrimina entre o que se convencionou chamar indivíduos de sistemas aberto e fechado, não há dúvidas. As hipóteses teóricas foram convenientemente confirmadas pelos dados experimentais. Resta a melhor construção da escala.

Uma pergunta que surgiu durante a análise dos dados e que vale a pena ser investigada posteriormente é sobre a estrutura afetiva de indivíduos abertos e fechados. Rokeach (1960) propõe que há uma diferença e esta foi notada nas avaliações pessoais que cada S fez dos outros. A hipótese levantada foi de que os indivíduos fechados são menos preocupados, ou valorizam menos, a ligação afetiva de um relacionamento interpessoal. Como não houve a preocupação de um estudo sistemático desta variável ficamos apenas em nível de hipótese.

Uma outra questão que gostaríamos de lançar é relativa a um tipo de estrutura cognitiva mais concreta por parte dos Ss fechados. De um modo geral, os indivíduos abertos pare - ciam mais capazes de fazer abstrações e generalizações do que os Ss fechados. Dados que confirmassem esta hipótese em nossa pesquisa são menos sistemáticos ainda. Esta relação foi notada por Rokeach (1951) em indivíduos preconceituo - sos. Um estudo dessa característica em indivíduos abertos e fechados provavelmente levará a conclusões semelhantes.

ANEXO 1 - Forma Original da Escala de Dogmatismo

- + 1. Os Estados Unidos e a Rússia não têm praticamente nada em comum.
- 2. Comunismo e Catolicismo não têm nada em comum.
- 3. Os princípios nos quais eu creio são bastante diferentes daqueles em que a maioria das pessoas acredita.
- 4. Numa discussão acalorada as pessoas têm um modo de trazer à baila assuntos irrelevantes ao invés de se prenderem ao assunto principal.
- + 5. A melhor forma de governo é a democracia e a melhor forma de democracia é um governo dirigido por aqueles que são mais inteligentes.
- + 6. Ainda que a liberdade de expressão para todos os grupos seja um objetivo válido, é infelizmente necessário restringir a liberdade de certos grupos políticos.
- + 7. Enquanto o uso de força é errado de um modo geral, é às vezes a única maneira possível de se chegar a um ideal nobre.
- 8. Mesmo tendo uma grande fé na inteligência e sabedoria do homem comum, devo dizer que as massas se comportam estupidamente às vezes.
- + 9. É apenas natural que uma pessoa deva ter um melhor conhecimento das idéias nas quais ela acredita do que naquelas a que ela se opõe.
- 10. Há certos "ismos" que são na verdade os mesmos ainda, que aqueles que acreditam nesses "ismos" tentem mostrar que eles são diferentes.
- + 11. O homem sozinho é uma criatura só e miserável.



- + 12. Fundamentalmente, o mundo em que vivemos é um lugar solitário.
- + 13. A maioria das pessoas não liga a mínima para os outros.
- + 14. Eu gostaria de poder encontrar alguém que me dissesse, como solucionar meus problemas pessoais.
- + 15. É natural que uma pessoa se sinta com medo em relação ao futuro.
- + 16. Há tanto a ser feito e tão pouco tempo para fazê-lo.
- + 17. Uma vez envolvido numa discussão acalorado, eu simplesmente não posso parar.
- + 18. Numa discussão eu muitas vezes vejo que é necessário repetir-me várias vezes para ter certeza de que estou sendo entendido.
- + 19. Numa discussão acalorado eu geralmente me absorvo tanto no que eu vou dizer que eu esqueço de escutar o que os outros estão dizendo.
- 20. Numa discussão eu algumas vezes interrompo os outros muitas vezes na minha ânsia de colocar meu próprio ponto de vista.
- + 21. É melhor ser um herói morto do que um covarde vivo.
- 22. Minhas piores batalhas são comigo mesmo.
- 23. Às vezes eu penso que não sirvo para nada.
- 24. Tenho medo de pessoas que tentam descobrir como eu realmente sou, pois elas podem desapontar-se comigo.
- + 25. Embora eu não goste de admiti-lo nem para mim mesmo, minha ambição secreta é tornar-me um grande homem como Einstein, ou Beethoven, ou Shakespeare.
- + 26. A coisa mais importante na vida de uma pessoa é querer

- fazer algo importante.
- + 27. Se me fosse dada a chance eu faria algo de grande para o mundo.
  - 28. Se eu tivesse de escolher entre felicidade e grandeza, eu escolheria grandeza.
  - 29. É verdade que as pessoas não praticam aquilo que pregam.
  - 30. Muitas pessoas são fracassos e o sistema é responsável por isto.
  - 31. Muitas vezes sinto que estranhos olham para mim criticamente.
  - 32. É natural que uma pessoa tenha a consciência culpada.
  - 33. Tenho certeza que estão falando de mim.
  - + 34. Na história da humanidade houve apenas uns poucos grandes pensadores.
  - + 35. Há um certo número de pessoas que eu passei a odiar por causa das coisas que elas acreditam.
  - + 36. Um homem que não acredita em alguma grande causa não viveu realmente.
  - + 37. É apenas quando uma pessoa se devota a uma causa ou ideal que a vida se torna significativa.
  - + 38. De todas as filosofias existentes no mundo há provavelmente, apenas uma que é verdadeira.
  - + 39. Uma pessoa que se entusiasma com muitas causas é provavelmente, uma pessoa sem personalidade.
  - + 40. Comprometer-se com nossos opositores políticos é perigoso porque leva a uma traição ao nosso próprio lado.
  - + 41. Quando se tem diferenças de opinião em religião devemos

ser cuidadosos para não nos comprometermos com aqueles que têm crenças diferentes das nossas.

- + 42. Em tempos como esses, uma pessoa precisa ser muito e goísta para considerar em primeiro lugar sua própria felicidade.
- 43. Comprometer-se com nossos oponentes políticos é ser culpado de conciliação.
- + 44. O pior crime que uma pessoa pode cometer é atacar publicamente as pessoas que acreditam na mesma coisa que ela.
- + 45. Em tempos como estes é necessário manter-se de sobreaviso contra idéias de pessoas ou grupos do nosso lado mais do que aqueles do lado oposto.
- + 46. Um grupo que tolera muitas diferenças de opinião entre seus membros não pode existir por muito tempo.
- + 47. Há dois tipos de pessoa neste mundo: aqueles que são pela verdade e os que são contra a verdade.
- + 48. Meu sangue ferve sempre que uma pessoa se recusa a admitir que está errada.
- + 49. Uma pessoa que pensa primeiramente em sua própria felicidade está abaixo da crítica.
- + 50. Muitas das idéias impressas hoje em dia, não valem o papel que usam.
- 51. Algumas vezes tendo a ser muito crítico das idéias dos outros.
- + 52. Neste nosso mundo complicado a única maneira de se saber o que está acontecendo é nos basearmos em líderes ou experts de confiança.

- + 53. É geralmente desejável guardar os julgamentos sobre o que está acontecendo até que se tenha a chance de ouvir a opinião de alguém que se respeita.
- + 54. De modo geral, a melhor maneira de viver é escolhendo amigos cujos gostos e crenças sejam iguais aos nossos.
- 55. Não vale a pena gastar dinheiro em jornais que já se sabe de antemão que são de propaganda pura.
- 56. Pessoas jovens não devem ter acesso fácil a livros que podem torná-las confusas.
- + 57. O presente é cheio de tristezas. Só o futuro conta.
- 58. É voltando ao nosso passado glorioso e esquecido que o real progresso pode ser encontrado.
- 59. Para conseguir a felicidade da humanidade no futuro é algumas vezes necessário suportar algumas injustiças no presente.
- + 60. Se um homem quer completar sua missão na vida é às vezes necessário jogar "tudo ou nada".
- + 61. Infelizmente, um grande número de pessoas com quem tenho discutido importantes assuntos sociais e morais não entendem o que está ocorrendo.
- + 62. Muitas pessoas não sabem o que é bom para elas.
- 63. Não há nada de novo sob o sol.
- 64. Para aquele que se dá ao trabalho de entender o mundo em que vive, é fácil predizer o futuro.
- 65. Às vezes é necessário o uso da força para avançar num ideal em que se crê firmemente.

Nota: (+) Questões que aparecem na forma final de Rokeach.

ANEXO 2 - Escala de Dogmatismo conforme Apresentada para a  
Pesquisa

Este questionário é parte de uma pesquisa que  
está sendo realizada por professores da PUC/SP.  
Agradecemos a colaboração.

Este é um estudo sôbre o que pensam as pessoas e como elas se sentem em relação a certas importantes questões sociais e pessoais. A melhor resposta a cada afirmativa é a sua opinião pessoal. Tentamos cobrir muitos pontos de vista diferentes e opostos; é possível que você concorde fortemente com algumas afirmações, discorde fortemente de outras, e em alguns casos fique em dúvida; pode estar certo que muitas pessoas pensam como você, quer concorde ou discorde das afirmações.

Marque na fôlha de respostas +1, +2, +3, ou -1, -2, -3 de acôrdo com a escala abaixo:

- +1 eu concordo um pouco
- +2 eu concordo no geral
- +3 eu concordo totalmente
- 1 eu discordo um pouco
- 2 eu discordo no geral
- 3 eu discordo totalmente

- +3 1. O homem sozinho é uma criatura perdida e desamparada.
- +2 2. Numa discussão eu às vezes interrompo os outros demais na minha ânsia de colocar meu próprio ponto de vista.
3. Embora a liberdade de expressão para todos os grupos dentro de uma empresa seja um objetivo válido, infelizmente é necessário restringir a liberdade de certos grupos.
4. Se eu tivesse que escolher entre felicidade e poder eu escolheria poder.
5. É melhor ser um herói morto que um covarde vivo.
6. A melhor forma de governo é uma democracia e a melhor forma de democracia é um governo dirigido por aqueles que são mais inteligentes.
7. Há dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas que são pela verdade e aquelas que são contra a verdade.
8. De todas as filosofias que existem neste mundo, provavelmente só uma é correta.
9. É pela volta ao nosso passado glorioso e esquecido que o real progresso social pode ser alcançado.
10. Neste nosso mundo complicado a única forma de sabermos o que está acontecendo é nos basearmos em líderes ou experts nos quais se pode confiar.
11. A maioria das pessoas não sabe o que é bom para elas.
12. As pessoas não deveriam ter acesso fácil a livros que possam torná-las confusas.
13. Embora eu não goste de admiti-lo nem mesmo para mim, minha ambição secreta é tornar-me um grande homem com Einstein, Beethoven, Shakespeare ou Roosevelt.

14. Embora o uso de punições dentro da sala de aulas seja errado, é, às vezes, a única forma possível de se chegar aos objetivos.
15. Para aquele que se dá ao trabalho de tentar entender o mundo no qual vive, é coisa fácil predizer os aconteci - mentos futuros.
16. Para alcançar a felicidade da humanidade no futuro, é, às vezes, necessário aceitar injustiças no presente.
17. A longo prazo a melhor maneira de viver é ter amigos e associados cujos gostos e crenças sejam os mesmos dos nossos.
18. Comprometer-se com seus opositores é tornar-se culpado de conciliação.
19. A maioria das pessoas não dão a mínima para os outros.
20. Há certos "ismos" que são na realidade os mesmos apesar de que aqueles que acreditam nesses "ismos" tentem dizer que são diferentes.
21. Numa discussão, frequentemente acho necessário repetir - me diversas vezes para estar certo de que estou sendo entendido.
22. Fundamentalmente o mundo no qual vivemos é um lugar soli tario.
23. O pior crime que uma pessoa pode cometer é atacar publi - camente as pessoas que acreditam na mesma coisa que ela.
24. Eu gostaria, se pudesse, de encontrar alguém que me dis - sesse como resolver meus problemas pessoais.
25. Estabelecer vínculos com nossos opositores é perigoso porque geralmente leva ao atraíção do nosso próprio lado.



26. Meu sangue ferve sempre que uma pessoa se recusa a admitir que está errada.
27. Em tempos como este uma pessoa precisa ser muito egoísta para pensar somente na própria felicidade.
28. Um grupo que tolera demais diferenças de opinião entre seus próprios membros não pode existir muito tempo.
29. É frequentemente desejável reservar nosso julgamento sobre o que está acontecendo até que se tenha a chance de ouvir as opiniões daqueles que respeitamos.
30. Infelizmente um grande número de pessoas com as quais eu me proponho a discutir importantes problemas sociais e morais, na realidade não entendem o que está acontecendo.
31. Em tempos como estes, é frequentemente necessário estar mais de sobreaviso contra idéias colocadas por pessoas ou grupos do nosso próprio lado do que por aquelas do lado oposto.
32. Numa discussão acalorada eu geralmente fico tão absorvido com o que eu vou dizer que eu esqueço de ouvir o que os outros estão dizendo.
33. É difícil um relacionamento mais profundo entre pessoas com crenças religiosas diferentes.

## BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T.W., Frenkel-Brunswick, E., Levinson, D.J., e Sanford, R.N. - The Authoritarian Personality. New York, Harpers & Row Publ.Ins., 1950.
- APA Standards for Educational and Psychological Tests and Manuals. In Leslie Barnette Jr. (ed.): Readings in Psychological Tests and Measurement. The Dorsey Press, 1968
- Bachelard, G. - La Formation de l'Esprit Scientifique Librairie Philosophique J.Vrin, Paris, 1970
- Bass, B.M. - Authoritarianism or acquiescence? J.Ab. Soc.Psych., 1955, 51, 616-623
- Bechtoldt, H.P. - Construct validity: a critique. Amer. Psychol., 1959, 14, 619-629
- Bruner, J.S. e Goldman, C.C. - Value and need as organizing factors in perception. J.Ab. Soc. Psych. 1947, 42, 33-44
- Bruner, J.S. e Postman, L. - An approach to social perception. In W. Dennis (ed.): Current Trends in Social Psychology. Univ. of Pittsburgh Press. Pittsburgh, 1951
- Christie, R.Havel, J., e Seidenberg, B. - Is the F scale irreversible? J.Ab. Soc. Psych., 1958, 56, 143-159
- Christie, R. e Jahoda, M. - Studies in the Scope and Method of "The Authoritarian Personality". Glencoe, Illinois, Free Press, 1954

Cohn, T.S. - Is the F scale indirect? - J.Ab. Soc. Psych., 1952, 47, 732

Cohn, T.S. - The relation of the F scale to a response set to answer positively. Amer.Psychol., 1953, 8, 335

Cronbach, L.J. e Weehl, P.E. - Construct validity in psychological tests. Psychol.Review, 1955, 52, 281-302

Frankel-Brunswick, E. - Intolerance of ambiguity as an emotion and perceptual personality variable. In D.C. Beardslee e M.Wertheimer (eds.): Readings in Perception. D.Van Nostrand Co., New Jersey, 1958

Garcia Roza, L.A. - Psicologia Estrutural em Kurt Lewin. Ed.Vozes, Petrópolis, 1972

Heyns e Zander - Research Methods in the Behavioral Science. Holt, Rinehart and Winston, New York, 1966

Jones, E. e Gerard, H. - Foundations of Social Psychology. John Wiley & Sons, New York, 1967

Kagan, J. e Moss, H.A. - Birth to Maturity - A Study in Psychological Development. John Wiley and Sons, New York, 1962

Koffka, K. - Principles of Gestalt Psychology. Routledge & Kegan Paul Ltd, Londres, 1955

Kretch, D. e Crutchfield, R.S. - Theory and Problems of Social Psychology. McGraw Hill Book Co. New York, 1948

- Leavitt, H.J., Hax, H. e Roche, J.H. - "Authoritarianism" and agreement with things authoritative. J. Psych., 1951, 31, 243-256
- Levine, L.S. - Personal and Social Development: The Psychology of Effective Behavior. Holt, Rinehart Winston, New York 1963
- Lewin, K. - A Dynamic Theory of Personality. McGraw Hill Book Co., New York, 1935
- Lewin, K. - The Conceptual Representation and the Measurement of Psychological Forces. Duke University Press, Durham, N.C., 1938
- Lewin, K. - Teoria de Campo Em Ciência Social. Livraria Pioneira Ed., São Paulo, 1965. Trad. de Field Theory in Social Science, Harper and Brothers, 1951
- Lewin, K. - Princípios de Psicologia Topológica. Ed. Cultrix, São Paulo, 1970. Trad. de Principles of Topological Psychology, McGraw Hill Book, Co., 1936
- Lewin, K. - Problemas de Dinâmica de Grupo. Ed. Cultrix, São Paulo, 1970 a. Trad. de Resolving Social Conflicts. Harper and Row, 1948
- Lewin, K., Lippitt, R. e White, R. - Patterns of aggressive behavior in experimentally created "social climates". J. of Soc. Psych., 1939, 10, 271-299
- Lippitt, R. - An experimental study of the effect of democratic and authoritarian group atmospheres. Univ. of Iowa Studies: Studies in Child Welfare, 1940

16, n. 3, 45-195

McGrath, J.E. e Alfman, I. - Small Group Research.

Holt, Rinehart and Winston, New York, 1966

McNeil, E.B. - Human Socialization. Brooks/Cole Pu -

blishing Co., Belmont, California, 1969

Redhun, M.T. - Parental attitudes and the closed

belief-disbelief system. Psych. Reports, 1967, 20-

260-262

Rodrigues A. - Psicologia Social. Ed.Vozes, Petr6po-

lis, 1972

Rokeach, M. - Prejudice, concreteness of thinking

and reification of thinking. J.Abn.Soc.Psych.,

1951, 46, 83-91

Rokeach, M. - The nature and meaning of dogmatism.

Psychol.Review, 1954, 61, 3, 194-204

Rokeach, M.- The Open and Closed Mind. Basic Books,

New York, 1960

Sarason, I.G. - Personality: An Objective Approach.

John Wiley and Sons, New York, 1966

Scheibe, K.E. - Beliefs and Values. Holt, Rinehart

and Winston, New York, 1970

Titus, H.E. e Hollander, E.P. - The California F

scale in psychological research: 1950-1955, In

M.T. Mednick e S.A.Mednick (eds.): Research in

Personality. Holt, Rinehart and Winston, New York,

1963

Tese apresentada aos Srs:

Nome dos

Aroldo Rodrigues

Componentes da

Maria Helena Novaes Mira

banca examinadora

Eva Jonathan

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, dezembro de 1974

---

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Ciências Humanas